

A misericórdia de Deus na reflexão e na vida da Igreja

Neste quarto capítulo estudaremos primeiro a reflexão de Walter Kasper sobre a misericórdia de Deus e a Igreja, a partir da obra principal de Kasper que pesquisamos nessa dissertação. Analisaremos os capítulos dessa obra que desenvolvem de modo sistemático o tema que aqui abordamos. O início do estudo é sobre a misericórdia como atributo de Deus e a misericórdia no plano da salvação e na vida da Igreja.

Depois trataremos de reflexões do Papa Francisco no Jubileu da misericórdia, principalmente sobre a misericórdia de Deus e a prática da Igreja. Destacaremos então alguns ensinamentos sobre a misericórdia nas obras da Igreja e no sacramento da reconciliação.

No final faremos um breve comentário sobre o tema, com auxílio de alguns outros autores, procurando destacar ideias centrais dessa parte do trabalho, de acordo com os ensinamentos de Kasper e do Papa Francisco.

4.1

A Igreja e a misericórdia de Deus na teologia de Walter Kasper

Kasper desenvolve uma teologia sobre a misericórdia de Deus e a Igreja. Considera a Igreja em relação com a misericórdia de Deus e a prática da misericórdia. Nesta parte da dissertação tomaremos três capítulos de Kasper: o capítulo V, de reflexões sistemáticas; o cap. VI, que afirma que são bem-aventurados os misericordiosos; e o cap. VII, sobre a Igreja sujeita à medida da misericórdia.

4.1.1.

Visão sistemática sobre a misericórdia como atributo de Deus, presente na salvação e revelada em Cristo.

Analisaremos na primeira seção a misericórdia como atributo de Deus. Na segunda seção analisaremos a misericórdia como espelho da Trindade. Na terceira seção, analisaremos a misericórdia nos caminhos de Deus desde a criação. Na quarta seção, analisaremos no plano da salvação. Na quinta seção apresentaremos traços da

misericórdia no Coração de Jesus. Na sexta seção, a misericórdia pelos que sofrem. Na última seção desta divisão, falaremos sobre a esperança na Igreja diante da misericórdia.

4.1.1.1

A Misericórdia como atributo de Deus

O conhecimento sistemático de Kasper mostra um estudo da essência de Deus com os diversos atributos de Deus. O livro de Kasper contribui para um pensamento sistemático da misericórdia e sua relação com o ser de Deus.

A mensagem da misericórdia na teologia da Igreja primitiva, nos estudos sobre os padres da Igreja, com Clemente de Roma e Santo Irineu de Leão, autores citados por Kasper, é elaborada com os primeiros conceitos sobre os atributos de Deus. Os atributos de Deus, nos autores, são descritos com resultado na compreensão sobre Deus e a prática na Igreja, influenciando na história dos sacramentos e no ensino da misericórdia. Os atributos apresentaram duas questões importantes: “a misericórdia como atributo especial de Deus”¹ e a “introdução da prática da penitência”.² Outra consequência do ser de Deus com misericórdia será que Deus na Igreja leva à prática de obras de misericórdia.

A polêmica entre os atributos de Deus e sua origem, outro dado levantado por Kasper, investiga o desejo de verificar a ação de Deus, nas práticas citadas pela teologia dentro da interpretação sobre Deus irado e Deus justo, do Antigo Testamento em relação ao Novo Testamento, onde se investiga os atributos divinos e o esclarecimento de bom e justo na nova aliança. Marcião não associava identidade e unidade de Deus no Antigo Testamento e Novo Testamento. Walter Kasper afirma a “unidade da história da Salvação e correspondência entre a antiga e a nova aliança”³. Na Igreja se percebe a apresentação de Deus justo e misericordioso, nos Testamentos Antigo e Novo, revelando a unidade da Revelação de Deus, de ambos os projetos ou de um só projeto, culminando na eterna aliança. A Igreja, ao debruçar-se na Sagrada Escritura como unidade, ensina que Deus revela seu modo de atuar na história. Essa

¹ KASPER, Walter, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e chave da vida Cristã*, p. 107.

² Ibid., p. 108.

³ Ibid., loc. cit.

unidade dos testamentos sintetiza a missão da salvação universal, levando ao pensamento ecumênico da unidade para as Igrejas separadas e o mundo.

Kasper estuda a realidade da revelação histórica dos atributos de Deus em ligação com a Sagrada Escritura, a história dos padres da Igreja, e propondo a doutrina sobre o nome de Deus. Na mensagem da tradição teológica: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3,4). Em Moisés, na sarça ardente, Deus revela-se e O conhecemos no anúncio do Antigo Testamento. A elaboração dos atributos divinos, no estudo sistemático parte da investigação de verificar o anúncio da revelação de Deus e sua tradução, do texto hebraico e da Versão dos LXX dos gregos, e consequentemente suas interpretações semânticas. Kasper, com o estudo do livro do Êxodo, resume a busca sobre duas alusões, onde se influencia o pensamento sistemático sobre o nome de Deus para a Igreja. Ele mostra que o nome de Deus dá a ideia de “estar aí com os outros e para os outros”:

(...) em contraste com o que acontece em grego o verbo “ser”, que se encontra na expressão “Eu sou”, não denota um sentido estático, mas sim dinâmico; não significa simplesmente “existir”, mas sim de forma concreta “estar aí” e, mais especificamente, estar aí com outros e para outros.⁴

A Versão dos LXX traduzida para grego, no versículo da revelação de Deus a Moisés, o sentido semanticamente orientado pela influência do pensamento da filosofia grega sobre o ser: “Eu sou aquele que existe.”⁵ Kasper, na interpretação semântica para o pensamento teológico, enfatiza a intenção de Deus, de estar presente como ser e transcendente ao humano, estando “presente em todas as coisas” e Deus sendo “o próprio ser”, e estando acima de todas as realidades sensíveis, envolvendo-se em toda a história da Igreja, e na maneira de relacionar-se, como Deus, de modo que a sabedoria da tradução grega trouxe uma contribuição para a teologia sistemática:

Esta tradução fez escola e marcou o pensamento teológico durante séculos, até os nossos dias. Para deixar claro que Deus não é um ser junto a, ou por cima de, todos os restantes seres, Deus não foi denificado como “aquele que existe”, mas sim como “o próprio ser” (*ipsum esse subsistens*). Este conceito converteu-se no autêntico nome de Deus. Expressa tanto a imanência como a transcendência de Deus, uma vez que significa que Deus, na sua própria condição de ser, é a realidade que tudo determina e que está presente em todas as coisas; e também significa que Deus, porque é o próprio ser, está acima de tudo e não se esgota, num sentido panteísta, no mundo, como se não fosse a alma do mundo.⁶

⁴ Ibid., p. 109.

⁵ Ibid., loc. cit.

⁶ Ibid., loc. cit.

O atributo do ser de Deus e sua transcendência mostram-se nos estudos, ser as mesmas realidades, não sendo maior ou reduzido a um ou outro. Todas essas dimensões atribuídas a Deus correspondem ao mistério revelado a Moisés. Portanto, esse Deus é supremo de fé e ser. Apesar desse pensamento teológico, houve pensamentos contrários, como Tertuliano, que questionava: que tem Jerusalém a ver com Antenas?”⁷ E Pascal, no auge de sua experiência mística, “estabeleceu a diferença entre o Deus dos filósofos e o Deus de Abraão, Isac e Jacó”⁸.

A indagação de Pascal serviria para o pensamento teológico posterior em continuar a busca pelos atributos de Deus, em especial na teologia liberal procurando libertar-se da metafísica helenística, e tendo a determinação de não correr o risco de encaminhar a teologia nascente, vinda do liberalismo teológico, para uma separação entre o Deus dos filósofos e o Deus nascido da promessa do Antigo Testamento.

Kasper contribui para essa questão, com um pensamento que pode ter grande repercussão histórica para o entendimento dos atributos de Deus, para resolver as indagações onde se deveria sair de uma “semelhante automarginalização”⁹ para o sentido puro da essência divina e a pretensão universal daquilo a que o nome corresponde. Assim, afirma Kasper que a revelação não é uma pretensão particular, mas é também uma pretensão universal:

A revelação do nome de Deus no Sinai não formula só uma pretensão particular – faz sobressair também uma pretensão universal. Deus não Se limita a revelar-Se como o Deus do povo concreto, Israel, como um Deus, por assim dizer, popular e nacional; antes pelo contrário, assegura que Se manifestará como Deus para onde quer que, na sua peregrinação, o seu povo se encaminhe. Semelhante promessa implica uma pretensão universal.¹⁰

Para Kasper, os nomes de Deus nas diversas mensagens do Antigo Testamento têm sempre a pretensão de mostrar a compreensão do nome de Deus com caráter universal, provocando na experiência filosófica o sentido de ser, com a transcendência de Deus revelada na Sagrada Escritura. Segundo Kasper, o importante era verificar através da teologia bíblica o desenvolvimento dos estudos para compreender os atributos de Deus, desenvolvendo-se através da teologia o conhecimento dos atributos divinos, como se faz em São Tomás de Aquino, Santo

⁷ Ibid., p.110.

⁸ Ibid., loc. cit.

⁹ Ibid., p. 111.

¹⁰ Ibid., loc. cit.

Agostinho ou São Boaventura. Kasper mostra que o nome de Deus e os atributos desenvolvem um importante relacionamento entre a ideia filosófica do ser de Deus e a ideia bíblica de estar aí com o seu povo e para o seu povo.

Em Santo Agostinho, a partir do conceito filosófico de Deus, se procura encontrar uma compreensão teológica, não conseguindo separar Deus e conhecimento Trinitário. Sobre esse conhecimento, ele “afirma que o amor do Pai não é senão a sua natureza e constituição essencial”, e acrescenta: “como já está provado e não me cansarei de repetir”.¹¹ “Assim, pois para Santo Agostinho, Deus é o Deus da revelação cristã, o Deus que é amor (cf. Jo 4, 8.16)”¹². Kasper acha que esse pensamento influenciou toda a teologia ocidental.

Em São Boaventura, temos uma reflexão sobre como Deus se dá, à luz do Crucificado, e a revelação de que é bom. O teólogo franciscano afirma: “só é possível conhecer Deus corretamente à luz do Crucificado.”¹³. São Boaventura avança e adiciona a ideia de Deus sendo o ser com a ideia se ser o bom, como mostra Jesus Cristo: “Deus é o próprio ser, mas o ser que dá a Si mesmo, o Ser que emana sobre a forma de amor.”¹⁴ Este amor doado e recebido se dá no próprio Cristo. Portanto, Deus é essencialmente bom, sendo o seu conhecimento revelado, que nos leva para a doutrina da Trindade.

O conceito resgatado na história da Igreja nasce da necessidade de mencionar os atributos de Deus com a influência na metafísica e na Sagrada Escritura, como já fora visto ao longo dos séculos. Kasper mostra que essa necessidade se dá na sequência desenvolvida na história do conhecimento dos atributos divinos e no conteúdo dos livros teológicos dogmáticos, onde se evidencia a misericórdia ao lado dos atributos divinos e operativos, e onde o amor de Deus expressa a essência da misericórdia. Portanto, “a misericórdia é a *caritas operativa et effectiva* de Deus”¹⁵, e tem como especiais atributos, juntamente com a misericórdia: “a santidade, a justiça e a fidelidade divina”¹⁶.

¹¹ Ibid., p. 111.

¹² Ibid., p. 112.

¹³ Ibid., p. 111.

¹⁴ Ibid., loc. cit.

¹⁵ Ibid., p. 114.

¹⁶ Ibid., loc.cit.

Kasper afirma existirem outros atributos divinos que circundam ao redor da misericórdia. Ele menciona Scheeben, que enumera vários atributos, tais como: “benevolência, magnanimidade, bondade, clemência, filantropia, condescendência, liberalidade, consideração, tolerância, indulgência, afabilidade, paciência e longanimidade.”¹⁷ Os atributos são construídos a partir da nossa necessidade da incapacidade humana de compreender o mistério de Deus na sua totalidade. Nós “só podemos reconhecer determinados aspectos da única essência divina”¹⁸.

A misericórdia sendo o principal atributo de Deus, Kasper afirma que neste atributo está toda a determinação da luz da justiça e da onipotência divina. Portanto, a misericórdia não pode estar separada da justiça divina, mas a justiça é sempre como característica da misericórdia, ou a misericórdia divina juntamente com a justiça.¹⁹

4.1.1.2.

A Misericórdia como espelho da Trindade

Kasper tem como intenção compreender a misericórdia divina como espelho da essência da Trindade. Esta vontade é vista por ele, analisando a história da Igreja, onde investiga a afirmação contida na primeira carta de São João. Esta traz o resumo da mensagem divina: “Deus é amor” (1Jo 4,8,16). Na afirmação de João, existe a busca pela compreensão da doutrina da Trindade. Na procura da investigação teológica, se faz necessário investigar a doutrina trinitária, através da analogia, entre o que se diz sobre o amor de Deus na Escritura e o sentimento do amor humano. Deste encontro nascem os conceitos que facilitam o conceito da misericórdia trinitária. O resultado da reflexão torna-se patente na profissão de fé, sendo de mais entendimento, na análise de todos os textos, tanto no Antigo ou no Novo Testamento.

O amor de Deus compreende toda a sua revelação no modo concreto de doação no Espírito Santo, onde Deus ultrapassa a Cruz e acolhe-nos no seu coração, porque é misericórdia. A misericórdia trinitária é o ser de Deus doado de forma definitiva, na capacidade de ligar-se ao sentimento do amor humano, onde abarca e propõe, ao mesmo tempo, o amor no seu objetivo. A onipotência divina, sendo o

¹⁷ Ibid., p. 114.

¹⁸ Ibid., p. 115.

¹⁹ Ibid., loc.cit.

atributo da misericórdia trinitária, revela-se como todo a favor da unidade e comunhão de Deus com os seres humanos.

Kasper afirma que “da essência do amor humano faz parte não só dar algo ao outro, mas também comunicar-se e dar-se a si mesmo no dom.”²⁰ Logo, da experiência de Deus absorvida do ser, do amor em Cristo, percebemos que “ao dar a si ao mesmo tempo esvazia-se de si, autoconsome-se”²¹, e toda vez que se doa continua sendo Ele mesmo. Assim “encontra no amor a sua própria realização.”²²

Ao comunicar-se, Deus doa toda experiência de si se autorrevelando como dom, onde preserva sua dignidade e não diminuindo quem Ele. Doando-se inteiramente ao outro, mostra toda sua proximidade, logo sua misericórdia. E identifica-se como ser em doação, na unidade da Trindade. Kasper, analisando o Evangelho de João, de toda a experiência de Salvação em Cristo, mostra a comunhão íntima do Pai e do Filho, e essa “comunicação é para nós suprema alegria e realização perfeita da nossa condição humana (cf. 1Jo 1, 3s.).”²³

O mistério da misericórdia divina é a comunicação de doação e autoesvaziamento de Deus. “Esta *Kénosis* (autoesvaziamento) de Deus é condição *sine qua non* para que Deus, que é infinito, possa dar lugar à Criação.”²⁴

Essa natureza de Deus é a essência, algo intrínseco ao ser Dele, onde se mostrar misericórdia na revelação de si mesmo. A comunicação de Deus auto-revela-se como reflexo de um espelho da sua própria essência. Kasper apresenta a misericórdia de Deus como algo em que “reflete-se e revela-se o amor eterno do Pai, do Filho e do Espírito Santo, um amor que se comunica a si mesmo.”²⁵ Deus, ao doar se, doa e comunica como inteiro refletido o todo como Ele é ao outro. Por isso, já podemos entender outro dado no sentido da Trindade: “ser em unidade que inclui alteridade e diferença.”²⁶

Este amor comunica a união, de modo que ambos se sintam bem ao encontro de um ao outro, havendo realização, respeito e dignidade, e existindo a

²⁰Ibid., p. 118.

²¹Ibid., loc.cit.

²²Ibid., loc.cit.

²³Ibid., p. 122.

²⁴Ibid., p. 121.

²⁵Ibid., p. 120.

²⁶Ibid., p. 119.

totalidade de unidade. Com esta analogia, fica coerente o entendimento do amor de Deus Trino: “Deus é amor que se comunica e se dá a si mesmo.”²⁷ Kasper avança no sentido da compreensão da misericórdia como realidade Trinitária, que se torna realidade para nós, pensamente onde “na misericórdia o Ser Trinitário de Deus não se realiza, mas antes se transforma em realidade concreta para nós e em nós.”²⁸

Assim, no entendimento de toda a forma de doação do ser de Deus, a encarnação, sua paixão, morte e cruz, o “autoesvaziamento de Deus é revelação da sua onipotência no amor”.²⁹ Como afirma Kasper, no encontro da doação de Deus, está a sua misericórdia, ao longo do Antigo Testamento, como movido se retrai da possibilidade de ira, comunicando sempre o amor e o desejo de doação. O amor do coração de Deus se revela definitivo, no Novo Testamento, na cruz e nos acolhe:

A realidade íntima de Deus como amor que se esvazia de si mesmo e se autocomunica, revelada de maneira definitiva e não ultrapassável na cruz, não permanece em si, mas comunica-se-nos de modo concreto no Espírito Santo. Movido pela sua misericórdia, Deus não só permite que nos debrucemos sobre o seu coração, mas também nos acolhe, no Espírito Santo, junto ao, e no, seu coração.³⁰

Na história da mística Cristã a doutrina da Trindade desenvolveu o Espírito Santo na alma dos Cristãos, justificados e batizados. Segundo esta doutrina, “no Espírito Santo, tem nos nossos corações um lugar”³¹, e todos teremos nossa morada junto a Deus. A doutrina da Trindade percebe o valor escatológico no sentido da prática espiritual como meio de encontrar-se a Deus. São Tomás, na interpretação dos Salmos 24(25) e 50(51), descreve dessa maneira o afastamento de Deus e de sua misericórdia trinitária: “a nossa verdadeira pobreza consiste no afastamento de Deus em resultado do pecado.”³² São Tomás deixa clara a possibilidade de não entendermos o amor revelado de Deus, em consequência do pecado, e afastando-nos de sua presença, ocorre a possibilidade da pobreza espiritual. Kasper mostra como reconhecer a doutrina da Trindade, que favorece o encontro da misericórdia, como descreve São Tomás:

A mensagem da misericórdia divina significa que Deus toma a seu cargo a nossa pobreza original e fundamental, que permanece perto de nós nesta nossa indigência e que é, portanto, um Deus dos homens, um amigo dos seres humanos. Daí que a

²⁷ Ibid., loc. cit.

²⁸ Ibid., p. 120.

²⁹ Ibid., p. 121.

³⁰ Ibid., loc. cit.

³¹ Ibid., p. 123.

³² Ibid., p. 123.

misericórdia divina signifique a felicidade e a realização do ser humano. A misericórdia oferece às pessoas a experiência e o gozo da felicidade interior; endireita-nos, alarga o nosso coração e suscita em nós alegria e esperança; restabelece a ordem original e concede-nos sossego, paz e felicidade na medida em que nos permite gozar desde já, por antecipação, a beatitude eterna.³³

A experiência mística do encontro com Deus-Trino revela a necessidade do homem de encontrar-se com Deus, analisando sobre a forma de existir no mundo, e sobre os questionamentos do seu modo de agir, verificando-se a presença da Trindade. Kasper analisa grandes místicos da história, tais como: São Boaventura, São Francisco, Mestre Eckahart, entre outros. Kasper propõe a experiência do nascimento de um “caminho de peregrinação”³⁴, onde nascem a felicidade e a paz, procurando sempre a aproximação, experimentando Deus em sua transcendência divina. Nessa intimidade, os místicos revelam o reconhecimento da misericórdia e a meta do caminho para aproximar-se a Deus e viver sua comunhão na vida pessoal e comunitária, presença da esperança da Cruz.

4.1.1.3.

A misericórdia divina: origem e meta dos caminhos de Deus

A misericórdia é o principal atributo de Deus, assim ela desenvolve toda a história salvífica, e revela na pessoa de Cristo toda a Criação. Esta história, sendo ela salvífica, tem como meta a Cristo, onde em cada etapa revela-se a continuidade do plano de Deus. A realidade tem como princípio a pessoa de Jesus Cristo e tem como dimensão originária e dialogal a misericórdia, onde o desejo da Criação de Deus é a conversão do gênero humano. Os padres da Igreja, ao debruçar-se sobre a origem da Criação de Deus e a sua meta que é Cristo, observaram que o projeto de Deus não era uma teoria abstrata, mas sim a realidade, onde se constituem a misericórdia e a graça de Deus.

A criação tem como principal objetivo a manifestação da bondade de Deus. Kasper analisa os estudos teológicos de Santo Agostinho e São Tomás. Em ambos Kasper analisa a misericórdia como obra da Criação e da bondade de Deus. Em Agostinho, a misericórdia, além da ideia de bondade, está fortemente ligada à graça de Deus, destinada aos eleitos, que posteriormente foi supostamente questionada. Em São

³³ Ibid., p. 124.

³⁴ Ibid., p. 125.

Tomás a misericórdia é condição da justiça e deve sempre ligar-se à bondade de Deus. Ele faz apelo à Sagrada Escritura, onde se mostra que “Jesus Cristo procede da misericórdia divina para com a humanidade caída no pecado e, afinal, afastada de Deus.”³⁵

Na teologia ocidental, sobre a misericórdia houve momentos de interpretações errôneas, vindos da concepção teológica de Agostinho, da doutrina da predestinação. Esta obscuridade teológica surge devido à intenção de Santo Agostinho, no final de sua vida, com desejo de responder a doutrina pelagiana. Segundo ele, “a graça divina só é graça verdadeiramente livre se não depender das obras boas do ser humano nem estiver condicionada por elas.”³⁶

Isso levou ao questionamento da doutrina da Graça e consequente da justiça, pecado e misericórdia, sendo postos em dúvidas, levando Agostinho a pensamentos duplos sobre a predestinação. Nessa doutrina, segundo ele, as obras não estariam condicionadas na graça, não se refletindo na vida das obras boas ou más das pessoas. Apesar da Igreja não usar essa doutrina, o pensamento de Agostinho teve consequências na teologia ocidental, fazendo com que a mensagem bíblica da misericórdia divina seja posta em dúvida sobre o aspecto de justiça e salvação.

Em Santo Ambrósio e Santo Anselmo de Cantuária, eles se inquietavam sobre a dimensão de justiça. As obras boas dos seres humanos estariam ligados à compreensão de misericórdia vinda de Deus que corresponde ao juízo de Deus sobre os bons ou maus. E assim se inquietavam sobre o aspecto de justiça, como Deus pode perdoar os homens maus, e satisfazer-se com os homens bons. E Kasper observa a seguinte conclusão a que Santo Anselmo chega: “a justiça de Deus não tem relação com as nossas obras, mas com o próprio ser de Deus e sua bondade.”³⁷ Neste aspecto, das obras em ligação ao sentimento de Deus por justiça e misericórdia, São Tomás afirma que a misericórdia de Deus tem a correspondência pelo seu ser, que é bondade.

No século XX temos Karl Barth, que afirma que a misericórdia divina é um processo vindo da história do mundo e da salvação, onde somos todos eleitos em Cristo,

³⁵ Ibid., p. 127.

³⁶ Ibid., p. 127.

³⁷ Ibid., p. 129.

onde somos eleitos e predestinados a sermos convertidos como filhos novos. E Karl-Heinz Menke, como mostra Kasper, apresenta outra concepção:

Isto quer dizer que tanto a realidade da criação, na sua autonomia relativa, como a realidade do ser humano na sua liberdade devem ser tidas em conta. Ambas se encontram desde o princípio sob o signo da misericórdia divina definitivamente revelada em Jesus Cristo; mas, assim como em Jesus Cristo a verdadeira humanidade não absorvida pela divindade, mas subsiste em unidade com esta sem mácula nem alteração, assim também existe na história da humanidade e da salvação lugar para a livre cooperação humana. A qual não fica suprimida por Jesus Cristo ser protótipo, centro e meta de toda a história humana; antes, através da ação salvífica de Jesus Cristo, esta história é renovada e graciosamente elevada na sua dignidade de criação enquanto nova criação.³⁸

A misericórdia é o sinal preciso do amor de Deus no mundo e na história, destacado no Concílio Vaticano II, como na *Gaudium et Spes*, que fala de Cristo como centro da história humana: “a chave, o centro e o fim de toda a história humana”.³⁹

Portanto, Deus em Cristo deseja a Salvação de toda a vida humana. A misericórdia está na vontade salvífica de Deus e é revelada em Cristo.

4.1.1.4.

A misericórdia divina: na vontade salvífica universal de Deus

Kasper fala sobre a vontade de Deus em salvar o ser humano. Ele recorre ao filósofo Kant e aborda o seu questionamento de uma espera angustiante por Deus. Nesta seção, Kasper elabora argumentos catequéticos que visam ao entendimento dos novíssimos como obra da misericórdia de Deus, que age pelo amor e sua entrega incondicional até a Cruz. Esta doação requer a liberdade, a fé, a graça, dimensões essas importantes para responder ao amor, onde se compreende a razão do ser de Deus e sua vontade salvífica. Com esta percepção de Kasper, mesmo diante do medo e das frustrações humanas, os seres humanos são convidados a reconhecer o senhorio de Deus e sua justiça.

Kasper mostra esta indagação de Kant: “que podemos esperar?”. Nota-se a dificuldade em superar respostas condizentes que ajudem o mundo a provir do necessário, o anúncio da verdade que vem de Deus. Nesta lógica, é necessário recorrer a

³⁸ Ibid., p. 131.

³⁹ CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes***, n. 10. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> . Acesso em: 28/03/2017.

Escritura e à Tradição, e ambas nos apresentam respostas de modos diferentes, mas que se convergem e apresentam o objetivo Jesus Cristo e a Salvação de todas as pessoas (cf. 1Tm 2,3). Paulo, ao refletir sobre a história, na Sagrada Escritura, percebe em Jesus e sua vida, o desejo de reunir todos a Ele e garantir a todos a justificação e a glória de Deus. Nesta ambiciosa e salutar descrição sobre a Salvação em Deus, Irineu de Leão, como menciona Kasper, afirma ser Jesus, quando o menciona no centro de toda a história da humanidade, aquele no qual se rege o cosmo, sendo a “cabeça de toda realidade.”⁴⁰

Na Sagrada Escritura, a ideia de Juízo apresenta diversas afirmações, vindo através do Antigo do Testamento como sinais claros e para o qual chegaram diversas interpretações ao longo da história do cristianismo. Dessas histórias, compreendemos algumas que foram interpretadas sobre aqueles que não fazem a vontade de Deus. Em seguida, temos o julgamento dos profetas, o destino dos que não compreendem a vontade de Deus, e são levados ao juízo. Esse juízo de Deus torna-se mais evidente pelas ações do povo eleito. Em muitos casos se distorcem da vontade e contrição de Deus a sua vida, e os oráculos fazem alertas diante da notícia do dia do Senhor, mostrando as diversas correntes apocalípticas de juízo, que rondavam no pensamento da época. Na Literatura sapiencial, no Livro da Sabedoria, também notamos a necessidade em apresentar o desejo do encontro do homem com Deus, após a vida terrena bem vivida, com seus sonhos e projetos, em vida virtuosa. Em Jesus Cristo, temos o juízo final, no qual se recorda toda a literatura bíblica. Kasper explicita que o juízo de Cristo leva em conta a prática da misericórdia:

(...) segundo o qual àqueles que mostrem misericórdia com os pobres, com os aflitos e com os perseguidos é prometido o Reino de Deus, enquanto que àqueles que não agirem piedosamente com os primeiros se assegura que receberão o castigo eterno (Mt 25, 31-46)⁴¹

No cristianismo, a ideia de juízo final sempre repercutiu na linguagem da arte e das homilias, servindo ao longo dos séculos como meio de provocar aos que refletiam o sentimento de medo do juízo e sua consequência que é o inferno, e se espalha de maneira geral como devocionismo, uma história metafórica e a epopeia dos textos Sagrados. Isso provoca, além do medo, o descaso pelas obras que mostram a

⁴⁰ Ibid., p. 133.

⁴¹ Ibid, p. 134.

maldade. Porém, hoje isto não repercute mais como no passado, na história da Igreja, mas sim, percebemos o total sentido de “banal otimismo salvífico.”⁴²

Existe a consequência de entender a misericórdia de Deus com o reducionismo de bondade ou ainda como uma frieza pelas coisas do eterno. Observamos em Kasper uma citação que ele destaca: que Deus “não pode permitir que uma pessoa padeça eternamente no inferno.”⁴³ O pensamento desta lógica está por trás ao entendimento do mundo hodierno, que prega uma ideia de solidariedade humana e cristã negando a vontade salvífica de Deus, que este Deus não provoca medo, ou tão quanto quaisquer crises que chamem o ser humano a um sentido de mudança e conversão.

Esta percepção de solidariedade humana e cristã tem como crise o sentido de crer em Deus, a ideia de proibição supostamente no entendimento de tormentos do inferno, contrário à mensagem cristã. Como menciona Kasper, existem no plano teológico, estas perguntas essenciais: “a mensagem do inferno não anula de fato a mensagem bíblica fundamental sobre a misericórdia de divina?” “Como vai condenar para eternidade aqueles por quem morreu na cruz?”⁴⁴

Kasper descreve a doutrina da apocatástese, com uma mudança de pensamento para o mundo moderno, onde mostra nas afirmações da Sagrada Escritura o sinal de salvação e reconciliação voltando à seguinte concepção cosmológica: “regresso escatológico de todas as coisas à origem sagrada e ensinava, portanto, a restauração escatológica de toda a realidade”⁴⁵ Este sentido, segundo a palavra de Deus, deve ser cumprimento das promessas divinas, onde no fim dos tempos “será a superadora consumação da criação original e, por último, uma nova criação.”⁴⁶

Apesar de muitos significados não serem percebido com nitidez, vários padres da Igreja estudaram sobre o tema, como também depois São Tomás de Aquino estuda a questão e afirma ser um movimento circular, sendo uma temática da história da Salvação. A doutrina da apocatástese tem como conclusão: “(...) interpretação de que,

⁴² Ibid., loc. cit.

⁴³ Ibid., p. 135.

⁴⁴ Ibid., loc. cit.

⁴⁵ Ibid., p. 135.

⁴⁶ Ibid., p. 136.

no final, todos os homens, incluindo os ímpios e os malvados, serão acolhidos na bem-aventurança do Reino de Deus consumado.”⁴⁷

Nestas investigações se debruçaram outros teólogos com desejo de explicar a apocatástese, e com desejo de investigar a aporia que circundavam entre a teologia da misericórdia com apocatástese, pois a afirmação a partir de Baptist Metz diz sobre a autoridade de uma crise de sentimentos humanística, tornando o cristianismo mais supérfluo e afastando da verdade de fé, resultando em uma compreensão superficial da misericórdia, como menciona Kasper, trazendo rótulos sentimentais e desculpas por atos injustos: “(...) a mensagem do Juízo não é uma mensagem intimidante, mas sim uma mensagem de esperança, pois no Juízo cairão todas as máscaras: todos seremos iguais, e a todos será feita justiça.”⁴⁸

A doutrina da Igreja com relação aos textos sagrados, não supõe uma condenação do cristão ao inferno, mas que se tenha uma mensagem concreta e realista. E ambas as afirmações são colocadas fortemente aos fiéis: “salvação de todas as pessoas”⁴⁹ e “o chamamento à conversão e à fé.”⁵⁰ Temos nestas duas afirmações o “temor” e o “tremor”, ambas propostas dentro da mesma dinâmica, interpretar as afirmações históricas-salvíficas no sentido de uma doutrina salvífica, a fim de configurar em proposta concreta de conversão para toda a humanidade.

Pelo encontro com o homem, Deus possibilita a misericórdia, o que é contra a proposta do inferno. Deus dá o conselho de cooperar na ação salvífica, sempre condicionada à livre escolha do sujeito, em optar ou não, apesar de que Deus seduz para a sua misericórdia; porém, a escolha é um desejo pessoal e livre:

(...) a misericórdia divina apela à responsabilidade do ser humano, sedu-la sem cessar. Com essa sedução, a misericórdia exige mais uma opção. Só ela a possibilita. Já no âmbito estritamente humano, a liberdade desperta no encontro com outra liberdade; com muito mais razão, portanto, só à vista do dom da graça divina pode a liberdade humana decidir se quer aceitar ou recusar tal oferta.⁵¹

Em sua infinita paciência pelo humano, Deus dá a possibilidade do purgatório. A doutrina do purgatório “tem as raízes na prática da oração pelos defuntos, testemunhadas já no protojudaísmo (cf. 2Mc 12, 32-46) e observada desde o princípio

⁴⁷ Ibid., loc. cit.

⁴⁸ Ibid., p. 137.

⁴⁹ Ibid., loc. cit.

⁵⁰ Ibid., p. 139.

⁵¹ Ibid., p. 140.

da Igreja.”⁵² O purgatório, não sendo um lugar de penas, trata-se de um estado de encontro com Deus no seu amor purificador, para sermos preparados a fundo para a plena comunhão com Ele⁵³. Assim, é “uma possibilidade para que a comunidade dos crentes interceda solidariamente suplicante, perante Deus pelos defuntos.”⁵⁴

Os cristãos são chamados também a serem intercessores, onde temos a forte esperança pela possibilidade de salvação dos outros, não sendo um caso único ou isolado na Sagrada Escritura, mas em muitos textos se percebe esta ação pelos outros. A principal delas temos em Rm 9, 3 “desejaria estar excluído da companhia do Messias”. Estas palavras de São Paulo influenciaram a teologia mística, numerosos testemunhos dos santos, fazendo parte da teologia moderna. A misericórdia ganha o desejo de fim a cada pessoa, nos santos, atraindo a todos a Deus e mostrando a esperança de toda e quaisquer situação que supostamente seriam motivos para o risco da não presença de Deus. Kasper enfatiza a misericórdia como mensagem boa e animadora:

A misericórdia é ganha até ao fim por cada pessoa, ativa a comunidade inteira dos santos para a atrair e, contudo, toma radicalmente a sério a liberdade humana. Ela é por isso a mensagem boa, consoladora, animadora e de esperança em que nos podemos fiar em qualquer situação e na qual podemos confiar e apoiar tanto na vida como na hora da morte. Sob o seu manto há um lugar para todo o homem de boa vontade; ela é para nós refúgio, esperança e consolo.⁵⁵

4.1.1.5.

A misericórdia divina: O Sagrado Coração de Jesus como revelação da misericórdia de Deus

A revelação da misericórdia tem como centro a pessoa de Jesus Cristo. Temos em diversas expressões textuais do Novo Testamento seu sentido revelador, como filho de Deus encarnado e rico em misericórdia. Deste conhecimento bíblico, durante muitos séculos foi se colocando uma devoção particular na Igreja, o culto do Sagrado coração de Jesus, rica expressão de amor da misericórdia de Deus, central desde a origem da revelação.

Esta linda e rica devoção tornou-se estranhas nos dias atuais, devido ao mundo moderno ter certas críticas para as imagens de Cristo com o coração trespassado

⁵² Ibid., p. 141.

⁵³ Ibid., loc.cit.

⁵⁴ Ibid., loc.cit.

⁵⁵ Ibid., p. 143.

e com dores. O movimento litúrgico colocou a devoção e a representação do Sagrado Coração de Jesus, com sua imagem e mostrando a representação com os espinhos, que resultam nas incompreensões didáticas e teológicas, “por se centrarem no coração físico de Jesus em vez de entenderem o coração como símbolo arquétipo humano universal e como centro do homem.”⁵⁶

Ao observar a história da devoção, faz-nos perceber a renovação do pensamento eclesial em transformar o coração físico e avançar neste entendimento, no cerne da devoção e a ideia da misericórdia é essencial na devoção e adoração ao Sagrado Coração de Jesus. Para isto, é necessário voltar-se às raízes bíblicas, e, ter a consciência que “o coração trespassado de Jesus simboliza a humanidade do Cristo no seu conjunto.”⁵⁷ Temos todo esse pensamento sobre o amor de Jesus para o ser humano, e reconhecemos a preferência pelos pobres, necessitados, e pelos que sofrem:

No Sagrado Coração de Jesus reconhecemos que o próprio Deus tem o coração (*cors*) orientado para nós, os pobres (*miseri*) – em sentido amplo – ou seja, que Deus é *misericors*, misericordioso. Assim, o Sagrado Coração de Jesus é símbolo do amor de Deus encarnado em Jesus Cristo.⁵⁸

Na investigação da devoção com a Palavra de Deus, ao longo do processo de conhecimento da doutrina da Igreja, a questão da hipóstase foi sendo percebida como significativa para o entendimento da doutrina em relação com a devoção. Sobre a pessoa de Jesus Cristo, se investiga sua natureza, as duas, a humana e a divina, esclarecendo-se que “sem deixar de ser uno e o mesmo, Jesus Cristo é o verdadeiro Deus e verdadeiro homem.”⁵⁹ Em Éfeso (431) e Constatinopla (553) a Igreja chegou à conclusão: “(...) à divindade e à humanidade corresponde, em Jesus Cristo, uma única e conjunta adoração, de modo que a adoração da divindade é inseparável da adoração da humanidade.”⁶⁰

No estudo da doutrina e do ensinamento dos padres da Igreja, Kasper reconhece sobre o Evangelho de João a grande interpretação dessa devoção, chegando à conclusão de aspectos fundamentais para fé eclesial, a doutrina sobre os Sacramentos, especialmente o batismo e a eucaristia, e, Santo Agostinho interpreta o coração de Jesus como abertura da porta da vida. E, além dos estudos da doutrina, temos místicos

⁵⁶ Ibid., p. 144.

⁵⁷ Ibid., loc. cit.

⁵⁸ Ibid., p. 145.

⁵⁹ Ibid., p. 145.

⁶⁰ Ibid., loc. cit.

importantes, como Bernardo Claraval, o qual retorna ao livro dos Cânticos dos Cânticos e interpreta o coração a cruz de Jesus; São Boaventura atribui à mística do coração de Jesus uma profunda interpretação teológica. Afirma esse teólogo que o coração humano ferido pelos sofrimentos e as dores, pode inflamar-se de amor com o contato com o coração trespassado de Cristo.

Na era moderna ainda temos a mística Maria de Alacoque, abrindo lugar para a importante devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Também houve a sua divulgação com os Papas Leão XIII, Pio XI, Pio XII, João Paulo II e Bento XVI, que fomentaram também a devoção. Temos também Faustina Kowalska dando um impulso novo para a devoção; para ela, “a misericórdia é o maior e supremo atributo de Deus, a perfeição divina por antomásia”.⁶¹

A compreensão bíblica da renovada, patrística e dogmática sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, servindo-se do Evangelho de João, como percebemos também com a investigação sobre os Sacramentos, temos a do encontro de Tomé, o “incrédulo”; tal como ele, Kasper chama a atenção de toda a Igreja: “também nós só encontramos o caminho da fé no encontro pessoal com o Senhor ressuscitado”.⁶² Nesse encontro pessoal com Jesus, encontramos o maior mandamento: o do amor a Deus e ao próximo, com serviço na sua mais perfeita totalidade, com todas as forças corporais e espirituais, reconhecendo na maneira de participar do amor de seu coração, o sofrimento vicário do mundo, onde padece na carne, a fim de purificá-lo.

4.1.1.6.

A misericórdia divina: sofrer com aqueles que sofrem

A compreensão do sofrimento humano se relaciona com o sentido mais profundo da fé, e nos leva aos seguintes questionamentos apresentados por Kasper: “pode Deus sofrer?” e “Pode Deus ser algo mais do que um Deus que sofre conosco e, por consequência, também Se alegra conosco?”⁶³ As indagações feitas por Kasper nos fazem refletir sobre o significado de Deus com a dimensão da “empatia”; e logo demonstra um Deus “simpático” de forma literal. A simpatia de Deus corresponde ao compadecer pelos sofrimentos humanos, mostrando toda a sua ação de misericórdia e

⁶¹ Ibid., p. 147.

⁶² Ibid., p. 148.

⁶³ Ibid., p. 150.

comprometimento, onde Deus se importa com os sofrimentos dos homens. E assim chega à seguinte indagação: “Poder-se-á falar de Deus nestes termos?”⁶⁴

Durante um vasto período, a tradição teológica nega a capacidade de Deus sofrer os sentimentos do ser humano. Enquanto a filosofia estava convencida da capacidade “divina de sofrimento”,⁶⁵ a tradição teológica algumas vezes abordou esses questionamentos. Kasper observa que nestes questionamentos se argumentava sobre se Deus sofreria com o mal do homem, se cairia no suposto contra sua própria perfeição divina, e, além disso, se falar de um Deus em evolução seria incorreto.

Ao procurar a solução por estas profundas discussões teológicas, Kasper mostra, através da compreensão bíblica, que “Deus sente afeto pelo ser humano, sofre conosco e alegra-Se e entristece-Se por nós e conosco.”⁶⁶ Em Cristo, vemos um Deus que se doa na Cruz, sendo escravo e humilhando-Se, sentindo conosco os sofrimentos, exceto participar do pecado. Em Pio XI, com a encíclica *Haurietis Aquas* (1956), com várias citações dos padres da Igreja, se mostra o pensamento sobre Cristo na Cruz afirmando-se que sofre junto com os sofrimentos humanos.

A doutrina tem o marco principal na compaixão de Deus, mostrando a onipotência divina, amor soberano, levando a “aventurar-Se, por assim dizer, à encarnação e a rebaixar-Se à condição de escravo.”⁶⁷ Ele livremente entrega-se à morte e à derrota, e morrendo destrói a morte e ressuscita para vida.

Kasper, ao mencionar Kierkegaard, deixa ainda mais claro o sentido da doutrina teológica em relação à Palavra de Deus, na clareza de apresentar essa onipotência em relação ao amor e por conseguinte esse amor mostra a misericórdia de Deus e em consonância está a fé e a oração da Igreja, que afirma a compaixão e o perdão de Deus:

Um Deus que fosse unicamente misericordioso, mas não todo-poderoso, já não seria Deus; um Deus que fosse unicamente todo-poderoso, mas não misericordioso, seria um déspota desprezível. Em consonância com o que acaba de ser dito, afirma-se na oração da Igreja que o poder de Deus se manifesta sobretudo na compaixão e no perdão.⁶⁸

⁶⁴ Ibid., loc. cit.

⁶⁵ Ibid., loc. cit.

⁶⁶ Ibid., p. 151.

⁶⁷ Ibid., p. 152.

⁶⁸ Ibid., p. 153.

A livre escolha de Deus pelo sofrimento, se solidarizando, não nega a sua onipotência divina nem tão pouco a sua dimensão de misericórdia, e nesta liberdade na sua essência divina, Deus permite que o mal e o sofrimento O afetem.⁶⁹ Kasper, portanto, descreve no sofrimento a intenção de Deus em deixar-se afetar pelo sofrimento e de compadecer-se com o sofrimento do ser humano:

A sua misericórdia não está condicionada pela necessidade e a aflição humanas; é uma decisão gratuita de Deus deixar-Se afetar e comover pelo mal e pelo sofrimento do ser humano. Assim, hoje em dia, tanto na tradição católica e ortodoxa como na protestante, muitos teólogos falam da possibilidade de Deus sofrer e compartilhar o nosso sofrimento.⁷⁰

Portanto, essas ideias teológicas como espirituais propõem-se a constatar que Deus em sua misericórdia divina, mostra profundamente seu mistério, e com sua gratuidade, carrega as culpas humanas e os sofrimentos humanos para regenerar a existência humana e colocar os seres humanos junto ao amor de Deus.

4.1.1.7.

A misericórdia divina: A esperança em face aos sofrimentos dos inocentes

A mensagem da misericórdia atinge as experiências de sofrimentos tocadas pelo humano, sejam as provocadas pelo homem ou adversas vindas das realidades naturais (como as catástrofes). Essas diversas realidades do sofrimento chocam o ser humano, e fazem que sejam atingidos os questionamentos sobre Deus e seu poder nessas realidades do sofrimento. Kasper, ao mencionar os sofrimentos, repete as seguintes perguntas que já colocara no primeiro capítulo: “Como pode Deus permitir todo esse sofrimento? Onde estava e onde está quando tudo isso acontece? Em que medida é que essa história de sofrimento é compatível com a misericórdia de Deus e com sua onipotência?”⁷¹

Na história mundial, tendo como ponto de partida a antiguidade, procurava-se chegar a uma justificação sobre o sofrimento, ligando a existência do mal, e a teodiceia. O sofrimento é investigado sob dois aspectos: o mal presente em vista de algo necessário e o sofrimento como etapa necessária ao caminho mais perfeito. Em ambas

⁶⁹ Ibid., loc. cit.

⁷⁰ Ibid., loc. cit.

⁷¹ Ibid., p. 155.

as tentativas⁷², Kasper afirma ser insuficientes, “pois tentam instrumentalizar o sofrimento das pessoas em benefício de uma harmonia maior e de uma meta supostamente superior.”⁷³

A filosofia moderna sintetizou a teodiceia justificando Deus e a onipotência. Com isso, Ele poderia criar um mundo ilimitado e sem a compreensão de sofrimento. Segundo Leibniz, Deus criaria um mundo possível, onde seria “o melhor de todos os mundos possíveis”⁷⁴, e sua infinita sabedoria faz com que possamos acolher este mundo e afastar de todo mal.⁷⁵ Em Kant existe a renúncia de Deus sobre a consequência do mal, e vislumbra-se a possibilidade de esperança para uma reconciliação entre a liberdade humana e o destino. A busca por Deus, uma faculdade pessoal, dependendo da capacidade de dialogar com Deus e descobrir sua razão da sua existência, favorecia o melhor conhecimento e afastamento do sofrimento.

Na Bíblia temos os sentimentos de Israel no encontro com Deus, e seus diversos encontros com Deus, com esperança, chegando à sua convicção na ressurreição dos mortos. No Novo Testamento, a ressurreição de Jesus sela definitivamente a esperança; a morte dele vista como “confiança no triunfo da justiça definitiva e na vida eterna.”⁷⁶ E temos os textos dos diversos Salmos, que emitem a súplica, a queixa, transformando-se em um diálogo de oração a Deus para retirarem do sofrimento presente e ter as alegrias e felicidades na glória.

Em sua mensagem sobre o sofrimento, também na Bíblia, temos o livro de Jó, descrevendo o sofrimento humano e a sua queixa a Deus. E ao mudar o discurso, para Deus e para os ouros, o homem questiona sobre sua existência, mostrando o encontro da esperança em Deus diante dos sofrimentos sofridos.

As queixas a Deus são, portanto, encontradas em diversos textos da Bíblia, como se percebe ao longo dos textos veterotestamentários, onde se fazem conhecer os diversos momentos de sofrimentos. Na literatura sapiencial temos o sofrimento como tema central e sua prática de oração e busca pessoal ou fraterna, para reconhecer a sabedoria de Deus e sua justiça.

⁷² Ibid., p. 156.

⁷³ Ibid., loc. cit.

⁷⁴ Ibid., loc. cit.

⁷⁵ Ibid., loc. cit.

⁷⁶ Ibid., p. 159.

No Novo Testamento chega a Cristo a tradição dos textos do Antigo Testamento. Cristo, na Cruz, mostra o sentimento do abandono, suplicando a Deus “Meu Deus, Meu Deus, por que Me abandonaste?” (Mc 15,34). Este “grito de abandono de Jesus não expressa só desespero, mas também confiança e esperança, embora no meio do mais extremo abandono de Deus.”⁷⁷ E mais tarde, com o encontro com o ressuscitado, os discípulos se convenceram e acreditaram na promessa de fidelidade. Os textos neotestamentários celebram este acontecimento e percebem na ressurreição a certeza da esperança. Esta não sendo esgotada neste mundo. Mostra-se a reparação de toda a injustiça sofridas no mundo, com a certeza de estarmos a caminho da glória celeste.

Kasper, ao se debruçar sobre os textos sagrados e de outros místicos da Igreja, mostra na esperança a possibilidade de entender o sofrimento na lógica de libertação da alma e vivo encontro com Deus, esperança forte de uma promessa escatológica que tem como sentido a confiança e a fé. Temos, então, a esperança como sentimento de fé e justiça em Deus:

Essa certeza com esperança, uma tal serenidade, não é mera teoria, como a que se pode encontrar nas diferenças propostas da teodiceia. É uma afirmação e uma atitude de fé, da qual só se deve falar sob a forma que vemos refletida nos Salmos, a saber, como queixa e súplica de compaixão, como doxologia abaladora da infinita misericórdia divina. É assim também que a Igreja se manifesta no *Kyrie eleison* da missa e no grande hino de louvor que é o *Te Deum*: “Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós. Desça sobre nós a vossa misericórdia, porque em Vós esperamos. Em vós espero, meu Deus, não serei confundido eternamente.”⁷⁸

Nos diversos momentos da experiência humana os cristãos podem afirmar a esperança convicta da fé e a certeza da presença de Deus, mesmo em momentos muito difíceis vividos no cotidiano dos cristãos. Nos momentos mais complexos da existência humana, enfatizamos a aproximação da misericórdia divina. A certeza que a morte de Cristo foi salvífica envolve de paz e alegria todo cristão. Os cristãos podem anunciar a sua fé na misericórdia divina. Portanto, “a experiência da misericórdia de Deus alenta-nos e compromete-nos a convertermo-nos em testemunhas da misericórdia, e advogar a misericórdia no mundo.”⁷⁹

4.1.2

⁷⁷ Ibid., p. 160.

⁷⁸ Ibid., p. 164.

⁷⁹ Ibid., loc. cit.

Elementos sistemáticos sobre a misericórdia nas catequeses do Papa Francisco

Destacamos nos capítulos anteriores desta pesquisa as audiências papais e os documentos principais do pontificado de Francisco, no jubileu da misericórdia, com o encontro da misericórdia nos textos sagrados, sua ação de justiça que aproxima o ser humano a reconhecer o sentido da presença reveladora de Deus ao povo do antigo Israel e em Jesus. Neste momento, supomos o que foi dito nos textos Sagrados e na Tradição da Igreja, na rica mensagem do magistério papal em contemplar a misericórdia de Deus.

O papa não desenvolve muito a reflexão sistemática, mas mostra que a misericórdia é o modo de ser de Deus. Assim na revelação e aproximando-nos no evangelho da práxis ensinada por Cristo. Desta maneira, a Igreja é chamada, como depositária da mensagem de Deus, em testemunhar a mensagem central da fé, que é sintetizada na misericórdia de Deus.

A misericórdia é revelada na história, sendo atributo do ser de Deus e o Cristo, obediente ao Pai, sente a necessidade de ser meio de encontro entre a divindade e ao homem. A Igreja inicia sua obra de apresentar o projeto teocêntrico e de salvação. Em Cristo se faz no coração do homem a plenitude da misericórdia, chamando a cada cristão a ser os transmissores dessa verdade, com o evangelho que nasce da autoridade de Cristo. Dessa realidade histórica da Revelação, nos diversos textos litúrgicos e na sua obra evangelizadora, a Igreja relembra e perpetua a mensagem da identidade do Cristo, na ação concreta do amor de Deus, manifestando seu mistério divino de misericórdia.

O ápice do acontecimento da misericórdia é o Cristo, transmitido integralmente no Evangelho. Em Cristo a experiência do encontro, ser de Deus com o humano, na sua capacidade de doação em alegria e paz, apresenta-se todo seu rosto misericordioso, inundando de alegria, paz e esperança o povo de Israel e posteriormente a Igreja. A natureza de Cristo, revelado como humano e divino, doa inteiramente ao povo da nova aliança e perpetua sua mensagem naqueles que contemplam “pela força renovadora da misericórdia”⁸⁰ a esperança de devotamente centrar suas vidas em direção ao Pai, por meio de Cristo. Papa Francisco na Bula *Misericordiae Vultus* narra a

⁸⁰ FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica: *Misericordia et Misera***, n. 5. São Paulo: Paulus, 2016.

trajetória do Cristo com o atributo da misericórdia, no primeiro parágrafo do documento, como nos apresenta:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, “rico em misericórdia” (*Ef* 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade” (*Ex* 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na “plenitude do tempo” (*Gl* 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. *Jo* 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.⁸¹

A importante dimensão da piedade capacita ao entendimento da misericórdia, onde se remete ao sentimento humano em olhar o outro na experiência dos sofrimentos, vendo os aspectos do ser humano, e as angústias, as enfermidades, a solidão, entre outros sofrimentos. Papa Francisco recorda a necessidade de voltar à prática da misericórdia, à piedade, como busca da essência de Deus, e nos convida a examinar o mundo e suas práticas contrárias, que resultam no afastamento da piedade. O mundo hodierno, ao contrário, admoesta Francisco, ao invés de seguir a natureza do Deus misericordioso, transmite o egoísmo social, levando a um tipo de pietismo ou a sentimentos contraditórios dos atributos da essência de Deus. A difusão desse egoísmo afasta o mundo do mistério da misericórdia.

Desta forma, Francisco descreve a compreensão da piedade como manifestação da misericórdia de Deus, onde o entendimento racional do Evangelho faz compreender a história do Cristo, e levar à alegria da compaixão e misericórdia, assumindo no mundo quem é de fato o Cristo. Na vida de Cristo, fica claro o agir da piedade, como na narrativa do cego de Jericó, em que o cego grita o nome de Jesus, pedindo a clemência, “– Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!” (*Mc* 10,47)

A vontade de Deus é dar esta confiança piedosa e o olhar de compaixão e misericórdia, com objetivo de restaurar vidas, pelo amor restaurador de Cristo. Com este sentimento sentido e vivido no coração, inundado pela comunhão em Cristo, que se fez obediente, a Igreja contempla o dom do Espírito Santo. Portanto, a “misericórdia: é

⁸¹ FRANCISCO, Papa. **Bula *Misericordiae Vultus* – O Rosto da Misericórdia**: n. 1. São Paulo: Paulinas, 2015.

a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.”⁸² Sendo próprio de Deus ser misericordioso, “a misericórdia divina não seja, de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onipotência de Deus”⁸³. A ação do Espírito acontece pela necessidade de conversão, onde a misericórdia é “recebida e vivida.”⁸⁴

Nesta condição, o Pai liberta e faz toda a ação da unidade, que é revelada na Trindade, exigindo daqueles que foram alcançados no dom de Deus, a exigência pelo novo, que nasce do projeto de esperança, onde a alegria reflete este novo sentido, livrando de ficar nas exigências dos bens materiais, e fixando o nosso olhar no rosto de Jesus no qual aparece a identidade do Pai, com as consequências do amor ilimitado de Deus. A misericórdia é testemunhada na vida de piedade que eleva até a compaixão:

A piedade da qual queremos falar é uma manifestação da misericórdia de Deus. É um dos sete dons do Espírito Santo que o Senhor oferece aos seus discípulos para os tornar “dóceis, na obediência pronta, às inspirações divinas” (Catecismo da Igreja Católica, 1830). Nos Evangelhos é muitas vezes citado o clamor espontâneo que as pessoas doentes, endemoninhadas, pobres ou aflitas dirigem a Jesus: “Tem piedade!” (cf. *Mc* 10, 47-48; *Mt* 15, 22; 17, 15). A todos Jesus respondia com o olhar da misericórdia e com o alívio da sua presença. Em tais invocações de ajuda, ou súplicas de piedade, cada um manifestava inclusive a própria fé em Jesus, chamando-lhe “Mestre”, “Filho de David”, “Senhor”. Intuíam que nele havia algo extraordinário, que os podia ajudar a sair da condição de tristeza em que se encontravam. Sentiam nele o amor do próprio Deus. E até quando a multidão se aglomerava, Jesus ouvia aquelas invocações de piedade e sentia compaixão, principalmente quando via pessoas sofredoras e feridas na sua dignidade, como no caso da hemorroíssa (cfr. *Mc* 5, 32). Ele chamava as pessoas a terem confiança nele e na sua Palavra (cf. *Jo* 6, 48-55). Para Jesus, sentir piedade equivale a compartilhar a tristeza de quantos o encontram, mas ao mesmo tempo a agir pessoalmente para a transformar em alegria.⁸⁵

Papa Francisco descreve a misericórdia de Deus apreendida da Palavra de Deus e nos ensinamentos da Tradição dos padres da Igreja e na experiência religiosa dos santos, onde é associada a prática da misericórdia ao entendimento de sua essência onipotente de Deus. A misericórdia reacende e conduz a experiência da Igreja de Cristo em nossos tempos, para ser fiel ao projeto ao longo dos anos. Não cessa de transmitir a verdade e o caminho do Evangelho. Francisco, transmitindo esta verdade, busca os diversos textos do Evangelho, recordando a essência do encontro de Deus ao homem,

⁸² FRANCISCO, Papa. **Bula *Misericordiae Vultus* – O Rosto da Misericórdia**, n.2.

⁸³ *Ibid.*, n.2.

⁸⁴ FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica: *Misericordia et Misera***, n. 5.

⁸⁵ FRANCISCO, **Audiência Geral, 14 de Maio de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160514_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

deixando claro que a “piedade da qual queremos falar é uma manifestação da misericórdia de Deus.”⁸⁶ Esta piedade está contida no Catecismo da Igreja, representando a manifestação de um dos sete dons do Espírito Santo. Este se manifesta pela docilidade, e nós, em Jesus, somos convocados a olhar para os mais pobres, aos doentes, endemoninhados e aflitos.

O coração afetuoso e inundado pela graça de Deus, aberto ao anúncio da Palavra de piedade, encontra a real razão de cura de nossos pecados, desejos e paixões, governado pela misericórdia de Deus. Manifesta a misericórdia aos outros e de maneira sensível tem a cura de nossas cegueiras diante dos modelos associados ao individualismo e a indiferença. Portanto, no coração fechado e difícil ao amor, falta espaço para a misericórdia e ele torna-se cego às graças do Pai. Francisco chama os cristãos à abertura do coração, com objetivo e urgência de manifestar a misericórdia e consequentemente vivenciar as certezas dos atributos de Deus no coração, curando e centralizando a vida na retidão e na conversão ao Pai:

(...) Para nos convertermos, não devemos aguardar acontecimentos prodigiosos, mas abrir o nosso coração à Palavra de Deus, que nos chama a amar a Deus e ao próximo. A Palavra de Deus pode fazer renascer um coração que se tornou insensível e curá-lo da sua cegueira. O rico conhecia a Palavra de Deus, mas não permitiu que ela entrasse no seu coração, não a ouviu, e por isso foi incapaz de abrir os olhos e de sentir compaixão pelo pobre. Nenhum mensageiro nem mensagem alguma poderão substituir os pobres que encontramos no caminho, porque neles é o próprio Jesus que vem ao nosso encontro: «Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes» (Mt 25, 40), diz Jesus. Assim, na inversão dos destinos que a parábola descreve está escondido o mistério da nossa salvação, na qual Cristo une a pobreza à misericórdia.⁸⁷

Jesus impulsiona os cristãos ao comprometimento, para uma verdadeira e autêntica conversão, à proximidade pelo outro, ao caminho da casa e da mesa do Senhor, prova de uma mudança amável na qual o próprio Senhor toca no coração e converte os seus. Portanto “a verdadeira conversão verifica-se quando acolhemos o dom

⁸⁶ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 14 de Maio de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160514_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁸⁷ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 18 de Maio de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160518_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

da graça”⁸⁸. E mediante o Espírito Santo somos convidados a mudar de vida, pois, abrindo a sua misericórdia encontramos a verdadeira alegria e vida nova.

No coração é a certeza da abertura para entrar a misericórdia, onde encontramos todo afeto de Deus e somos impulsionados a ter mais carinho e doação ao próximo, revigorando os aspectos de Cristo e aproximando a mensagem da espiritualidade do Pai, na vida do cotidiano nos diversos modos de vida da Igreja. Como sua obra de evangelização, sendo missionária e convicta das verdades sacramentais e mostrando a experiência de Salvação. Estando perto de Cristo e tendo a dinâmica do seu agir, a natureza da misericórdia torna-se possível na vida e no projeto da Igreja. Ao término do ano jubilar, Francisco admoesta a Igreja novamente pelo sentido e novidade da misericórdia, onde somos renovados e animados, sempre convictos de apresentar ao mundo este projeto:

Querer estar perto de Cristo exige fazer-se próximo dos irmãos, porque nada é mais agradável ao Pai do que um sinal concreto de misericórdia. Por sua própria natureza, a misericórdia torna-se visível e palpável numa ação concreta e dinâmica. Uma vez que se experimentou a misericórdia em toda a sua verdade, nunca mais se volta atrás: cresce continuamente e transforma a vida. É, na verdade, uma nova criação que faz um coração novo, capaz de amar plenamente, e purifica os olhos para reconhecerem as necessidades mais ocultas. Como são verdadeiras as palavras com que a Igreja reza na Vigília Pascal, depois da leitura da narração da criação: “Senhor nosso Deus, que de modo admirável criastes o homem e de modo mais admirável o redimistes...”!⁸⁹

A caridade e aproximação de Jesus aos outros é frequentemente apresentada na Palavra, com a continuidade da misericórdia que nasce do amor e centraliza na experiência da cruz. A compaixão leva a curar, retirando todo ser que encontra o Senhor da morte, e nos colocando na decisão de vida, a pôr o caminho de uma vida nova, refeita pela experiência da salvação. A restauração feita por Jesus na salvação do desespero da morte nos faz partícipes da misericórdia “no coração e chega às mãos” e nos leva a praticar a misericórdia com o nosso ser, as obras da essência de Deus. Portanto, Francisco diz que a Igreja é de saída: “o caminho da misericórdia que vai do coração às

⁸⁸ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**, 18 de junho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160618_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁸⁹ FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica: *Misericordia et Misera***, n. 16.

mãos.”⁹⁰ E chama a todos a percorrer este caminho, a vontade de realizar com as mãos, nossa liberdade corporal, a plenitude da Salvação, com a mística da estima a si e aos outros. Dessa maneira, realiza a ideia da vida eterna e o sentido de Salvação é realizado no coração devoto do cristão.

4.2

A Igreja deve viver a misericórdia

Esta parte da dissertação aprofundará o tema da misericórdia na Igreja como está no livro que estudamos de Walter Kasper e depois nos ensinamentos do Papa Francisco. No final escreveremos um comentário para mostrar a importância dessas reflexões. A prática da misericórdia na Igreja é importante para a cultura da misericórdia.

4.2.1

A Igreja com a misericórdia no estudo de Walter Kasper

Kasper desenvolve uma teologia sobre a mensagem da misericórdia a partir das bem-aventuranças, nos textos de Mateus e Lucas, e ainda busca em São Paulo, na Carta aos Efésios evidências sobre a misericórdia de Deus e sua prática e ação na vida da Igreja, configuradas na justiça e nas obras de misericórdia. Nosso estudo é levantar os indícios da misericórdia vivida na imitação da misericórdia de Deus no texto de Walter Kasper. Os aspectos desenvolvidos por Kasper são: I. O amor do principal mandamento cristão; II. “Perdoai-vos uns aos outros” e o mandamento do amor aos inimigos; III. As obras corporais e espirituais da misericórdia. IV. Nada de uma pseudomisericórdia de *laissez faire*! V. Encontrar os pobres; e VI. A misericórdia como existência vicária dos cristãos.

4.2.1.1

O mandamento do amor

⁹⁰FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**, 10 de agosto de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160810_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Nos textos do Antigo Testamento e no Novo Testamento, em sua maneira diversa, nas palavras e significados, temos a narrativa da “misericórdia” e conjugando a raiz do termo temos à ação da misericórdia de Deus para o ser humano, o do agir humano com o coração “misericordioso”. A tradição vetorestamentária em suas narrativas do compadecer com os fracos, pobres, viúvas, órfãos e estrangeiros, indicam que, ao pautar a vida sobre a capacidade de sentir afeto ao outro e atender a suas necessidades, ter a compaixão, está o ser humano em lealdade com Senhor. Jesus aplica o ensinamento de sua vida à correspondência com a misericórdia que a transmitia vinda do amor do Pai.

A caridade é principal atributo para exercer a justiça e o amor a Deus e ao próxima. Kasper menciona este amor em harmonia com as outras pessoas na capacidade de relacionar com as dimensões do ser e construindo uma conduta com valores, redescobrimo um novo modo de administrar a vida com o amor a Deus e as obras pautadas na responsabilidade de amar e compadecer por suas dores do próximo. Por isso o mandamento do amor leva a obras. Como mostraremos nas seções seguintes, o mandamento do amor é para viver a caridade, o perdão e as obras de misericórdia.

As obras de misericórdia apresentam este importante pedido de Jesus, de fazer das obras a realização do projeto de amor, diante da necessidade ou sofrimento do semelhante, e envolvido do amor aprendido de Cristo. Acontecem as obras de piedade: como dar de comer, hospedar aquele que não teto, ou vestir o nu, dentre outras. Estas ações são ensinamentos do amor misericordioso de Cristo, uma vez que ensina como deve ser o agir ao conforma-se com a Palavra. O ensinamento da misericórdia em sua profundidade na centralidade de Cristo move o coração humano à caridade, ao perdão e à compaixão. O culto litúrgico deve ensinar esta dádiva da misericórdia. Ao ouvir os ensinamentos de Jesus, o cristão exercita a escuta e, por motivação do Espírito, ele é convidado a motivar-se pela Palavra. Kasper questiona: “Haverá que perguntar com que frequência nos devemos reconciliar antes da celebração da Eucaristia, com que frequência nos devemos abster da Comunhão, caso levemos realmente a sério estas palavras de Jesus.”⁹¹

⁹¹ KASPER, W. **A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e chave da vida Cristã**, p. 167.

Nas parábolas Jesus provoca os ouvintes a um questionamento sobre sua maneira de exercitar sua ação no mundo, com a proposta de aceitar os caprichos dos modelos temporais, como acontecia com fariseus, escribas ou doutores da Lei. E convida o povo a uma nova aliança, ao amor misericordioso que é estimulado no Sermão da Bem-Aventurança. Cristo destaca a felicidade em amar e compadecer, desprezando a violência e as infidelidades, e com humildade reconhecer os erros e levar ao perdão. A essência de Deus pelas obras de misericórdia nos capacita a perdoar e manifestar de outrora o Reino de Deus e sua realidade sensível e caritativa.

Em Jesus fica nítida a libertação dada com a Lei, no amor e perdão, com as obras de misericórdia. Desta forma, Jesus confere a centralidade do perdão, em perdoar até aos inimigos, tendo como novo mandamento: o amor a Deus e ao próximo (cf. Mc 12, 29-31; Mt 22, 34-40; Lc 10, 25-28), advindo este ensinamento do Antigo Testamento, onde se vê a unidade dos dois Testamentos no amor, resumindo todo o ensinamento bíblico sobre o amor e o perdão.

Santo Agostinho e São Paulo, mencionados por Kasper, narram a realidade de Jesus e o amor ao próximo. Ambos mostram a centralidade cristológica, retirando toda ótica humanista unidimensional, e, centralizando no amor de Deus o desejo e a esperança do perdão. O amor seria a conduta do viver bem, assumindo os dons de Deus, concedidos ao ser humano, e revelando o forte compromisso com as virtudes e os carismas, construído nas opções da fé reta, apresentando-se no equilíbrio de lidar com diversas situações, até conflituosas. Essas ações são sinal do verdadeiro cristão.

Paulo retira a imagem de um amor só reconhecido pelos sentimentos humanos e afastado de Deus. E Kasper descreve o amor radical em Cristo, como experiência “concreta e realista”⁹². O amor descrito por Paulo passa pela centralidade do amor de Cristo, em sua encarnação, vida pública, cruz, morte e ressurreição. Encaramos os fatos da vida de Jesus, encaramos nossa própria realidade. E diante das condições da vida de Cristo, com sua obediência até a morte, somos provocados a este amor. Logo, o cristão sente a necessidade de sentir amor, mesmo passando pelas dificuldades pessoais e as do outro, e perdoar e sentir compaixão. A misericórdia de Deus atinge ao fiel que assume de bom grado os ensinamentos de Cristo e os fiéis agem com paciência e

⁹² Ibid., p. 169.

perdão. A misericórdia do cristão é dada aos irmãos mais indóceis, pois a misericórdia é dada pela presença do amor de Deus, os fiéis são motivados a terem por eles, um amor de Cristo.

Em São João temos aspectos mais centralizados de maneira teológica em desenvolver o tema da unidade cristológica do amor de Deus. Segundo o seu pensamento, o amor é como sinal do cristão. A centralidade do ser cristão se dá na compreensão e vida do amor, onde se faz sua aproximação e transcendência a Deus, quando se realiza também o ser cristão na maneira de doar-se ao outro, amando sempre com a medida do amor de Cristo, destacando até o amor pelos inimigos e aos sentimentos contrários, como ódio e raiva.

O amor de Deus vivido no seu sentido mais radical nos convida a exercitar o amor incondicional às pessoas mais difíceis de convivência e também aos extremos da sociedade, sofrendo em suas mais diversas condições. E as pessoas misericordiosas são chamadas a assumir a bondade extrema e colocar-se ao serviço dos pecadores, agindo como Cristo. Kasper mostra como Jesus que lutou pelos seus discípulos, mantendo a unidade e agindo sempre como responsável em dialogar e comunicar a misericórdia, até nos seus seguidores mais difíceis de compreender a mensagem:

(...) a misericórdia do seu Senhor, o único a partir do qual vivem. Ele não teve vergonha dos seus discípulos, foi irmão para os seres humanos, carregou a sua desonra até à morte na cruz. Tal é a misericórdia de Jesus, o único a partir do qual querem viver os que a Ele estão vinculados, a misericórdia do Crucificado.⁹³

4.2.1.2

O mandamento do amor aos inimigos

A exigência do amor feita por Jesus ao próximo é central, não apenas amar aos amigos, mas faz-nos a radicalidade do amor aos inimigos. No Sermão da Montanha, com a exigência da justiça perfeita (cf. Mt 5,20), começamos a elaborar racionalmente o sentido do mistério de Deus e sua prática de amor aos inimigos, Cristo nos convida a essa opção que passa sob a luz da fé. Ao ultrapassar toda a capacidade humana, o mistério do amor incondicional revela o ser cristão, com o amor provocando o sentido

⁹³ Ibid., p. 172.

da “grandeza da alma e o domínio de si”⁹⁴, e com intuito de estabelecer a paz. A paz deve ser buscada em toda a sua exigência, vencendo o mal e o sentimento da violência contagiada pela raiva e vingança.

“Amai os vossos inimigos e orai pelos que perseguem.” No Sermão da Montanha, Cristo nos faz a exigência de combater com a força do amor e da misericórdia, para exercitar a justiça de Deus para com os pecadores, de modo que os cristãos sejam perfeitos como o Pai (cf. Mt 5, 43-48) e perdoadando quem os tem ofendido, como na oração do “Pai-Nosso”. Além dessas exigências, acrescenta o perdão dado sem limites, como sem saber o motivo, tendo sempre sentimentos do mistério de Deus.

Kasper descreve o perdão no entendimento da antiguidade, onde era feita a absolvição pelos reis, como um ato “magnanimidade”⁹⁵ que provinha da soberania do poder do rei. Este poder, na mesma linha descrita na Carta aos Romanos por Paulo, destaca a ação Salvadora de Deus que é dada somente por Ele por meio de Cristo, na Cruz (cf. Rm 3, 25s.). E a exigência do perdão se dá na mesma maneira de doação do perdão de Deus: “perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo.”⁹⁶ Esta exigência clara, mas ao mesmo tempo difícil de realizar, é talvez a exigência mais difícil de Jesus, mas é um mandamento “enraizado na essência mais íntima do mistério cristão e, afinal, sinal distintivo da conduta cristã.”⁹⁷

Kasper analisa este amor aos inimigos reconhecendo as dificuldades humanas e os sentimentos de intolerâncias que invadem o coração humano, onde atrapalham o perdão aos inimigos. A experiência exigida por Cristo só pode ser vislumbrada a partir dos ensinamentos éticos e morais, extraídos da dimensão de justiça e amor de Deus, deixados pelos exemplos da vida terrena de Jesus, onde historicamente Cristo apresenta sua autoridade de justiça e enfrentamento de sua vida, e, contrariando os seus perseguidores, exerce sua autoridade com o equilíbrio e paciência, e infinitamente dando o amor, a misericórdia e o perdão.

⁹⁴ Ibid., loc. cit.

⁹⁵ Ibid., loc. cit.

⁹⁶ Ibid., p. 173.

⁹⁷ Ibid., loc. cit.

O perdão levado ao extremo, pelo amor aos inimigos foi ensinado pelos padres da Igreja, construindo na doutrina as exigências da prática deste mandamento. E a doutrina provocou na Tradição da Igreja o reconhecimento do mistério de Deus na ação humana do amor aos inimigos. Sobre essas pesquisas ocorreram dúvidas e medos em dialogar e conquistar o perdão pretendido, e pacientemente os estudos doutrinários foram retirando a incompreensão do censo comum, a aplicação ministerial do perdão.

A aplicação do perdão, de maneira concreta, sobre o olhar de Cristo e sua humildade, nos faz nos esforçarmos de modo incondicional para nos sentimentos humanos construir a misericórdia deixada por Cristo, de modo que todos somos a nova civilização do amor, efetivando a conquista da felicidade e alegria. Isto era o compromisso dos Padres da Igreja, em estimular no fiel que compreendia os ensinamentos da doutrina a melhor compreensão das dimensões sensíveis do amor de Deus. Kasper diz que em Santo Tomás de Aquino “o amor exige preparação do coração para amar em cada caso concreto, se necessário for, o nosso inimigo.”⁹⁸

O perdão individualmente passa por características sólidas de exatidão na oração e na palavra, onde os sentimentos pessoais estão em vínculo concreto ao relacionamento a Cristo. Kasper apresenta a perenidade da justiça centrada no amor e na justiça, dádivas da misericórdia de Deus, os benefícios dessa prática radical, chegando ao coração dos cristãos, que tendem a descobrir o sentido de Cristo em sua vida e leva à santidade e conversão nas feridas, no ódio e na incompreensão dos outros.

Os questionamentos são vistos pelo mundo em tempo de guerra, e com os países em conflitos, com fortes influências na discussão dos combates armados. E também aos inimigos passados pela Igreja: as guerras religiosas e os hereges; em diversos momentos era preciso um ato de misericórdia, doação de amor aos inimigos. Esses questionamentos são fortes indícios da importância da misericórdia entre os momentos de paz e guerra. Kasper discute isso como prática cristã no sofrimento em relação ao sentimento da unidade radical, amar os inimigos. Porém, outra questão bastante difundida e que leva à intolerância são as relações pessoais, do cotidiano, que geram materialmente questões muito notórias, que ganham cada vez mais forças em

⁹⁸ Ibid., p. 174.

nossa vida cristã: “(...) em relação ao vizinho pouco amável, ao nosso concorrente de profissão, na economia, na política etc.”⁹⁹

Mas o mandamento do amor aos inimigos – continuam alguns a perguntar – é realista? Não será uma utopia, não constituirá uma exigência excessiva para o ser humano? Como poderá uma mãe amar o assassino do seu filho ainda criança? Poderá perdôá-lo? Onde nos deteríamos se não opuséssemos resistência ao mal, se perdoássemos em vez de exigir justiça? Não se estaria desse modo a recompor aqueles que cometeram uma injustiça? Henrich Heine, Fredrich Nietzsche, Sigmund Freud e outros colocam estas questões de uma forma crítica e polêmica. Na opinião de Freud, o mandamento do amor aos inimigos pertence a um *credo quia absurdum est*.¹⁰⁰

Para a reconciliação ser possível no âmbito de vários momentos históricos pessoais e coletivos, fica claro que a misericórdia é uma exigência. Ela tem sentido religioso, mas afeta diretamente no social e político, provocando racionalmente seus atos de mudança, levando a tocar no perdão e lutando contra vingança, a fraqueza e a injustiça. A misericórdia é dada e tocada pelo amor de Deus.

Kasper mostra o entendimento do toque de Deus e sua justiça, significando todo o objetivo do amor aos inimigos não sendo “nenhum *credo quia absurdum*, mas sim um *credo quia rationabile est*.”¹⁰¹

4.2.1.3

As obras corporais e espirituais de misericórdia

As obras de misericórdia corporais e espirituais ocupam um grande espaço na tradição e foram compostas pelos ensinamentos práticos dos escritos do Novo Testamento, mostrando concretamente a iniciativa das obras e como levam a chegar ao gozo do juízo de acordo com a manifestação de Jesus. Ao longo dos séculos a Igreja começa a especificar o uso do concreto da misericórdia, listando várias obras, onde temos obras corporais e espirituais:

sete obras de misericórdia corporais e sete de obras de misericórdia espirituais. As sete obras de misericórdia corporais: 1. Dar de comer a quem tem fome; 2. Dar de

⁹⁹ Ibid., p. 175.

¹⁰⁰ Ibid., loc. cit.

¹⁰¹ Ibid., loc. cit.

beber a quem tem sede; 3. Vestir os nus; 4. Dar pousada aos peregrinos; 5. Visitar os enfermos; 6. Visitar os presos; 7. Enterrar os mortos. As sete obras de misericórdia espirituais: 1. Dar bons conselhos; 2. Ensinar os ignorantes; 3. Corrigir os que erram; 4. Consolar os tristes; 5. Perdoar as injúrias; 6. Suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo; 7. Rezar a Deus por vivos e defuntos.¹⁰²

A misericórdia sendo maior que a justiça, as obras de misericórdia corporais ou espirituais não trazem juízo condenatório, mas antes sim trazem a profundidade do ensinamento de Jesus, o acolhimento que realiza e aliança com os pecadores, mostrando a superação das dores e sofrimentos, convertendo os corações endurecidos e enfraquecidos com o tempo, para compreender o tempo do hoje e suscitar no mundo o sentido de uma transformação.

Os diversos conselhos Evangélicos ganham na doutrina da Igreja a correspondência em inspirar no coração do cristão a doação necessária. Esta partilha de sentido espiritual revigora a pobreza espiritual, e fazem agir a justiça material e social para aqueles que sofrem na sociedade. Desta maneira, o mundo inspirado nas ações de caridade observa as dimensões da pobreza como ligação ao transcendente. A justiça e misericórdia garantem não apenas o sentido material, mas sim uma doação espiritual.

Por isto as obras de misericórdia tratam dessa variada busca, ao realizar o projeto material em que refletimos o fundamental que é o amor de Cristo. Diante da pobreza suscitam os cristãos a entrar em choque com ela, através das obras de misericórdia, que favorecem superar o sentido de uma vida miserável e afastada do amor que é exigência da fé em Cristo. Com a misericórdia se tem um entendimento do mundo superando os problemas dos que sofrem. A misericórdia leva a uma transformação material e espiritual.

4.2.1.4

Pseudomisericórdia

A prática da misericórdia é realizada na intenção de ligar ao transcendente a vida da sociedade do mundo, nos mais diversos casos de expressões da vida. A relação entre o discurso Evangélico com a vida concreta pode em alguns casos não emitir os valores centrais da fé e repercutir em pseudomisericórdia, sendo anunciadas falsas

¹⁰² Ibid., Ibid., p. 175.

doutrinas e falsas práticas da misericórdia. O debate emitido por Kasper diz respeito a indícios práticos de uma sociedade em que banaliza a religião e a fé, e vitimizando os culposos e penalizadas as vítimas, leva cegamente ao contágio dessa prática na Igreja.

Esta distração em cooperar com o projeto do Pai, que tem como referência o Evangelho, desvincula algo que é essencial como a “opção preferencial pelos pobres e pelos fracos”¹⁰³, realizando ao longo de nossa história diversas vítimas que não são protegidas e não recebem o devido cuidado que necessitariam. Isso gera uma má compreensão acerca da misericórdia e seu valor para sociedade e para o mundo, como se não precisasse de ter valores assumidos e condutas firmes:

Em relação à misericórdia, existem outros mal-entendidos não menos importantes. Há que mencionar, sobretudo, o ponto de vista do *laissez faire*, que tudo tolera e consente. Começa quando os pais, por falsa misericórdia, cedem em tudo aos seus filhos. Esta mesma atitude errada acontece quando alguém, por aparente misericórdia, faz vista grossa em relação a conduta errada e pecaminosa em vez de exortar à conversão.¹⁰⁴

Também seria errado avaliar as diversas crises que acontecem na sociedade, a partir de nós mesmos, emitidos valores de uma pseudomisericórdia, onde se desvaloriza a justiça. Onde os valores do Reino são os cristãos descartados por escolhas injustas e sentimentos abafados por uma exagerada busca por sentimentos de acolhida e valorização. Estas “justas” escolhas influenciam a corresponder em casos como aborto, eutanásia, achando ser a “morte” o melhor para libertar dos sofrimentos do mundo.

A piedade não está afastada da misericórdia, mas sim significa o envolvimento por Deus, onde se valoriza o sujeito e se procura considerar sua história de pecado, mostrando que em muitas situações o mandamento de Deus envolve as situações mais complexas e difíceis, onde acontece a opção fundamental e pessoal, não deixando no erro, mas na dinâmica do amor ao convencimento de lutar contra os valores contrários do Reino, sendo sempre luz para as situações mais complexas do mundo em que somos assolados. Em todos os casos mostrar o erro, não desconsiderando, mas deixando o alívio necessário do perdão, não afastando da misericórdia, e, também não tirando a responsabilidade pessoal.

¹⁰³ Ibid., Ibid., p. 175.

¹⁰⁴ Ibid., loc. cit.

O dinamismo do Antigo e do Novo Testamento são considerados em Kasper, destacando as obras de Ezequiel e Paulo, onde se consideram a vida do testemunho da verdade pregada e vivida, como promessa de afastamento da mentira e pseudomisericórdia, valorizando a verdade como enfrentamento de percepção humana e espiritual em diversas situações, considerando a promessa e o anúncio do Evangelho, não como ideia verossímil e julgatória, mas um convite a aceitar a individualidade e encarar os erros com a luz da verdade.

4.2.1.5

Cristo nos Pobres

O serviço aos pobres é visto em várias partes do Evangelho ligado à ação do cuidado dos que sofrem com a dinâmica do juízo escatológico e o senso de justiça, e, além disto, acentua a importância de se solidarizar com os pobres e participar com eles do seu sofrimento e procurar ajudá-los. Kasper descreve o serviço ao pobre afastando de quaisquer ideias de filantropia apenas, mas como resgate de si mesmo, daquele que faz a ajuda e aquele que recebe a misericórdia de Deus, declarado o resgate na compaixão e nos de que tanto se necessita.

Na história da Igreja encontramos diversos nomes de homens e mulheres que reconheceram na obra da misericórdia, a doação ligada à experiência de suas vidas com Jesus, dando muito mais do que donativos, mas o coração do Senhor, fecundando não só aquele que recebia as ajudas, mas sim toda a ação caritativa da Igreja. Podemos mencionar alguns como: Vicente de Paulo, Nicolau de Mira, Damião de Veuster e Madre Tereza de Calcutá, todos esses foram mencionados por Kasper, e, ainda temos outros exemplos, como: Padre Pio e Francisco de Assis. São pessoas que praticam misericórdia e promovem o testemunho da caridade do Senhor, que é mais que filantropia.

Em todos os mencionados podemos perceber o legado do Evangelho, as Palavras do Senhor, ao serviço ao pobre. Estes vistos como os mais próximos e transformando o seu entendimento de Deus em obras de misericórdia, convertendo em prática a experiência mística da Igreja. O testemunho é a dinâmica do próprio agir de Cristo acontecendo em ações transformadoras no serviço ativo e fecundo, de modo

particular e fraterno. A transformação em Cristo na sociedade talvez não aconteça de maneira geral, mas o testemunho da caridade tem grande relevância na obra sacramental e caritativa de toda a Igreja. Por isso, Kasper mostra que é importante a Igreja observar na ajuda ao outro, a expressão de misericórdia do próprio Deus, e, afastando de qualquer mecanismo contra esta prática, como ações particulares e filantrópicas limitadas, sem o envolvimento da misericórdia, o que deveria ser visto é o testemunho do amor de Cristo e o encontro com Cristo no outro, como o autor menciona:

Não se trata de uma filantropia genérica, à qual em princípio nada há que objetar, sempre e quando, longe de se esgotar em palavras vazias, conduza a fatos concretos. Não se trata só de compaixão para com aqueles que sofrem, embora esta, por contraposição à dureza de coração e ao egoísmo, já seja muito. Tampouco se trata de ideias para melhorar o mundo. A Bíblia é muito realista neste sentido e sabe que “de fato, os pobres sempre os tendes convosco” (Jo 12,8). A misericórdia cristã, consiste, no fundo, em encontrar-se com Jesus Cristo na pessoa que sofre. Daí que a misericórdia não seja em primeiro lugar uma questão de moral, mas de fé em Cristo, de seguimento de Cristo, de encontro com Cristo.¹⁰⁵

4.2.1.6

Misericórdia como expressão vicária de Cristo

Na cruz de Cristo reconhecemos toda a expressão de doação e amor pela humanidade. Este vínculo da participação vicária, assumido pela humanidade, perpetua no mundo a compreensão apaixonada por Ele com objetivo de libertar do pecado. O resgate feito por Cristo, no anúncio caritativo de sua vida, nas narrativas do Evangelho, é visto na ação da Igreja, nos sacramentos e na experiência da Palavra.

Esta ação perene, Kasper menciona como “existência vicária cristã”,¹⁰⁶. Desta forma, a sermos chamados por Ele fazemos parte deste mesmo plano de amor que se doou em obediência à humanidade. Como o cristão é atingido no seguimento e se coloca no risco da própria vida, na dimensão salvífica, em doação também vicária da mesma motivação, em obediência ao Pai, refletindo sempre o seu rosto misericordioso. Assim, sendo obediente, Cristo apresenta sua trajetória, com o desejo de salvar e resgatar o gênero humano, e o chamando a participar de sua vida, em seus feitos, como fez São Paulo, estando disposto a cansar-se e colocar em caminhada resgatando outros para o projeto salvífico. O projeto de Deus se reconhece na doação pessoal transformada

¹⁰⁵ Ibid., p. 185.

¹⁰⁶ Ibid., p. 186.

em misericórdia, sofrendo as dores da vida pessoal. Nem sempre realizamos o melhor e mais aceitável, mas em vista ao sentido de Cristo, paixão e cruz fazem de nossa doação em uma comunhão entre a missão e a dor.

A história do cristianismo relata esta obra de Cristo dos Evangelhos, dos primeiros que se doaram até a morte pelo resgate, como é o caso dos mártires. Também nos santos, como Francisco de Assis, “que viveu o seguimento de Cristo na pobreza e na humildade”¹⁰⁷. Kasper descreve o entendimento da mística da cruz, como serviço de entrega e amor, que abraça o seguimento e se entrega a Cristo, como relata Bernardo de Claraval e seu pensamento: “Na medida em que nos conformamos com o Cristo que Se entrega, somos transformados” (“transformamur cum conformamur”)¹⁰⁸. Temos outros exemplos que foram mencionados por Kasper, tais como: Mestre Eckhart, Johannes Tauler, Heinrich Seuse, Tomás de Kempis e Santo Inácio de Loyola.

Os sofrimentos do mundo são transformados em mística a Cristo. Ao atravessar as diversas crises vividas na história e na sociedade do seu tempo, quando conservou com paciência e transformaram-se as ações de sofrimento em verdadeiros encontros místicos com Deus. O sentimento de Cristo é ter essa nova paixão, onde prosseguimos no mesmo legado Dele, onde passou no sofrimento com a certeza da vida eterna, como menciona Kasper. Esta profissão de fé na experiência mística de encontro ao ser vicário de Cristo tem a espiritualidade da cruz e orienta ainda hoje a história do cristianismo, provocando uma radicalidade de serviço ao bem feito pela Igreja.

4.2.2

A reflexão da vivência da Igreja na misericórdia nas catequeses do Papa Francisco

A prática da misericórdia é motivo da reflexão de Francisco destacando o serviço da Igreja. Os diversos serviços caritativos da Igreja vividos sob a luz da redenção levam ao conhecimento de Deus e sua manifestação misericordiosa, provocando na Igreja uma verdadeira “conversão pastoral”. Nesta percepção, Francisco interpela a ação pastoral e a verdadeira adesão a Cristo, que deve ter efeitos no agir da

¹⁰⁷ Ibid., p.188.

¹⁰⁸ Ibid., loc. cit.

Igreja e os métodos evangelizadores. O papa nos documentos leva a avaliar essa ação e a evangelização e a pastoral.

Francisco propõe uma nova estrutura evangelizadora, servindo da Palavra e na ação litúrgica, e que, conseqüentemente, também influencia na Igreja e no mundo. A evangelização age com os fundamentos da fé recebida na Palavra e na vida dos Sacramentos na Igreja. O papa avalia se direcionamos a pastoral em testemunhos concretos e coerentes. Estes compromissos, Francisco conjuga ao anúncio e homilias, que recebemos da Igreja, da tradição e magistério, atuando nos compromissos concretos e legítimos, pessoais e comunitários, promovendo a participação da Igreja nas várias dimensões da vida na sociedade, influenciando diretamente no mundo que necessita da misericórdia. Os testemunhos, que descreve Francisco em suas audiências, dizem respeito à ação incoerente em relação ao modelo da fé, afastado da notícia do Messias, não gerando ambientes cristãos, mas provocando uma suposição apenas filantrópica, e não missão com a conversão do Evangelho.

As fontes do Evangelho vislumbraram a exatidão pastoral da misericórdia, com gestos simples e carregados de valor cristológico. Estes valores são considerados realizáveis e frutos da Graça de Deus, na ação pastoral, tendo como objetivo ser “fermento que faz levedar a massa (Mt 13,33), e como o grão de mostarda que transforma em árvore (Lc 13,19).”¹⁰⁹Essa prática da misericórdia, os cristãos são chamados a “fazer crescer uma cultura da misericórdia”¹¹⁰ e abandonar a inércia, o desânimo, e procurando reconstruir obras de misericórdia que tocam a vida de cada pessoa e revelam a Cristo, possibilitando uma verdadeira revolução dos conceitos pessoais com a presença da Salvação. Francisco aconselha os cristãos a reconhecer a necessidade de transformação no agir da Igreja, gerando uma autêntica conversão pessoal e fraternal, sendo esta uma característica necessária e urgente em apresentar a obra de Cristo no mundo. O papa Francisco faz uma avaliação da ação da misericórdia no Jubileu pela palavra conclusiva da carta *Misericordia et Misera*.

Para o papa, a Igreja, com o patrimônio Salvífico que recebe, tem a possibilidade de criar uma revolução da misericórdia, mas, para isto, deve nascer a

¹⁰⁹ FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica: Misericordia Et Misera*, n. 19.

¹¹⁰ Ibid., n. 20.

“simplicidade de gestos que podem alcançar o corpo e o espírito, isto é, das pessoas.”¹¹¹ Francisco exorta o cristão a se apaixonar pelos serviços vividos pela ação do Espírito, vinculados a uma obra sem fins avaliativos e lucrativos, mas sendo uma cultura registrada na misericórdia que pacientemente vai tornando o interior vinculado à obra, mostrando uma expressão mais humana e vinculada ao desejo de Deus, uma nova criação da humanidade através da encarnação de Cristo.

Deste modo, apesar de em muitos casos existir a possibilidade ao fechamento pessoal, devido ao pecado original, o coração humano é tocado pelo Espírito Santo e somos invadidos pela consciência reta, através da comunhão com Cristo. Assim, somos capacitados a sair do individualismo: servindo aos pobres e aos necessitados, saciando a sede, visitando os doentes e acolhendo o estrangeiro. A cultura da misericórdia surge a partir do elo entre a avaliação pessoal e a obra eclesiológica, como obra de Cristo, e dada na oração e na Palavra, onde descobrimos o resgate pela cultura da misericórdia e sua consequência na ação:

A cultura da misericórdia forma-se na oração assídua, na abertura dócil à ação do Espírito, na familiaridade com a vida dos Santos e na solidariedade concreta para com os pobres. É um convite premente para não se equivocar onde é determinante comprometer-se. A tentação de se limitar a fazer a “teoria da misericórdia” é superada na medida em que esta se faz vida diária de participação e partilha. Aliás, nunca devemos esquecer as palavras com que o apóstolo Paulo – ao contar o encontro depois da sua conversão com Pedro, Tiago e João – põe em realce um aspeto essencial da sua missão e de toda a vida cristã: “Só nos disseram que nos devíamos lembrar dos pobres – o que procurei fazer com o maior empenho” (*Gal 2, 10*). Não podemos esquecer-nos dos pobres: trata-se dum convite hoje mais atual do que nunca, que se impõe pela sua evidência evangélica.¹¹²

O “tempo da misericórdia” de Deus, destaca Papa Francisco, adquire os valores quando são envolvidos na vida cotidiana, e toca o ser humano em todos os sentidos e dimensões, aprendendo e sabendo partilhar os bens materiais em participação com os valores eternos, sempre sustentado pela força caritativa da misericórdia. Os cristãos individualmente, as comunidades, os diversos campos sociais da Igreja, podem ser sempre transformados, quando os valores eternos são praticados com o vínculo da misericórdia, em alegria e felicidade.

¹¹¹ FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica: Misericordia et misera*, n. 20.

¹¹² Ibid., loc.cit.

Para o testemunho da misericórdia na dimensão material, “a Igreja definiu estes gestos “obras de misericórdia corporal”, porque socorrem as pessoas em suas necessidades materiais”¹¹³. Nos Evangelhos Cristo revela a humanidade, nas suas obras de libertação, revelando que precisávamos dar alimento, vestir, visitar, ser pessoas que reconhecem na dor do irmão o sofrimento e sua necessidade material. A Igreja hoje, percebendo os sinais deixados por Jesus, sente-se tocada em expressar os sinais da misericórdia de Deus, em obras que tornam visíveis a bondade de Deus no tempo e na história. Por isso, os sinais do dom de Deus devem aproximar a humanidade da proximidade de Deus. Na entrega em favor aos outros, a Igreja deve ser sinal da graça. Francisco analisa os sinais de sofrimento ainda no mundo que precisam ser cicatrizados pela ação da misericórdia:

Ainda hoje populações inteiras padecem a fome e a sede, sendo grande a preocupação suscitada pelas imagens de crianças que não têm nada para se alimentar. Multidões de pessoas continuam a emigrar de um país para outro à procura de alimento, trabalho, casa e paz. A doença, nas suas várias formas, é um motivo permanente de aflição que requer ajuda, consolação e apoio. Os estabelecimentos prisionais são lugares onde muitas vezes, à pena restritiva da liberdade, se juntam transtornos por vezes graves devido às condições desumanas de vida. O analfabetismo ainda é muito difuso, impedindo aos meninos e meninas de se formarem, expondo-os a novas formas de escravidão. A cultura do individualismo exacerbado, sobretudo no Ocidente, leva a perder o sentido de solidariedade e responsabilidade para com os outros. O próprio Deus continua a ser hoje um desconhecido para muitos; isto constitui a maior pobreza e o maior obstáculo para o reconhecimento da dignidade inviolável da vida humana.¹¹⁴

As obras corporais são nitidamente importantes, mas Francisco destaca também a misericórdia nas obras espirituais, porque são um desejo da existência humana e “tocam o íntimo das pessoas e com frequência fazem sofrer mais”.¹¹⁵ A Igreja precisa ser investida nesta prática em dialogar, sentir, promover o bem-estar, visitar os doentes e ajudar as pessoas débeis, entendendo sua condição de vida. Estes destaques foram percebidos ao longo de suas catequeses sobre a misericórdia espiritual.

A nítida compreensão das dores dos outros e suas necessidades já é algo que requer certa atenção, mas quando o destaque é de pessoas incompreendidas, isto torna-

¹¹³ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 12 de outubro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161012_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

¹¹⁴ FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica: *Misericordia et misera***, n. 17.

¹¹⁵ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 12 de outubro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161012_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

se bem mais complexo, porque requer uma atenção especial e não de condenação, ou ainda de preconceitos. Francisco mostra esta incompreensão de entendimento, as pessoas mais difíceis de convívio com necessidade de obra de misericórdia, e exorta a Igreja a suportar com profunda caridade e sentimento de amor, em “aconselhar os que têm dúvidas, ensinar os ignorantes, advertir os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos.”¹¹⁶ As pessoas difíceis de convivência certamente estão próximas e precisam de nossa ajuda, e infelizmente o mundo sendo atingido “pelo vírus da indiferença, as obras de misericórdia são o melhor antídoto”¹¹⁷. Ao estarmos próximos aos sentimentos de Jesus, somos cobrados a estar com os necessitados espiritualmente e materialmente.

Francisco convida a exercitar o carisma e dons a serviço dos outros, de maneira a transmitir pacientemente, destacando assim a ajuda às pessoas importunas, e avaliando sobre se somos também importunos a outras pessoas. As diversas inferências na prática da misericórdia levam a suportar pacientemente em alguns gestos que realizamos, como: “quando encontramos alguém pela rua, ou quando recebemos um telefonema... Imediatamente pensamos: “Por quanto tempo tenho que ouvir as lamentações, as conversas, as solicitações ou as ostentações desta pessoa?”¹¹⁸ É preciso pensar na ação de Cristo, em reconhecer os discípulos e suas condições de vida, e ajudá-los a sair de si e a crescer na fé, tudo com o destaque em ouvir e compreender. Assim também, somos admoestados por Francisco a ser cristãos nessas evidências contrárias, mostrando o essencial e partilhando muito do que somos para o bem comum e gerando o gosto pelo essencial, praticando com humildade e sinceridade as obras de misericórdia:

Acompanhar na busca do essencial é bom e importante, porque nos faz partilhar a alegria de saborear o sentido da vida. Com frequência, acontece que nos encontramos com pessoas que dão importância a aspetos superficiais, efêmeros e banais; muitas vezes porque não encontraram alguém que as estimulasse a procurar outra coisa, a apreciar os tesouros verdadeiros. Ensinar a olhar para o essencial é uma ajuda determinante, especialmente numa época como a nossa que parece ter perdido a orientação e persegue satisfações a curto prazo. Ensinar a descobrir o que o Senhor quer de nós e como lhes podemos corresponder significa pôr-nos a caminho para crescer na própria vocação, na vereda da alegria autêntica. Assim, as

¹¹⁶ Ibid., loc. cit.

¹¹⁷ Ibid., loc. cit.

¹¹⁸ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 16 de novembro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161116_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

palavras de Jesus à mãe de Tiago e João, e depois ao grupo inteiro dos discípulos, indicam o caminho para evitar a queda na inveja, na ambição e na adulação, tentações que estão sempre à espreita também entre nós cristãos. A exigência de aconselhar, advertir e ensinar não nos deve fazer sentir superiores aos outros, mas obriga-nos antes de tudo a penetrar em nós mesmos para verificar se somos coerentes com quanto exigimos dos outros. Não nos esqueçamos das palavras de Jesus: “Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho?” (*Lc* 6, 41). O Espírito Santo nos ajude a ser pacientes no suportar e humildes e simples no aconselhar.¹¹⁹

O cristão convicto do encontro de Jesus em sua vida, percebe que, ao ser encontrado por Ele, houve uma ação do próprio Senhor em dialogar e escutar as dores, que o fez não se limitar na condição da divindade. O seu gesto nobre foi nascido do desejo de encontrar o ser humano. Jesus refaz o encontro com o outro em seu caminho. Francisco destaca o encontro de Jesus com a Samaritana, Ele toma a iniciativa e conhece a história daquela mulher e quebra as barreiras que separavam a história daquela mulher, excluída pela forma que vivia e por ser não judia. O respeito e a caridade surgem do diálogo. Cristo aceita o jeito daquela mulher, pede água, conversa, entra na sua vida e no seu coração, não faz preconceito e permite que a Samaritana possa ser consciente e mudar sua vida, em uma transformação existencial que mostra a conversão e o testemunho.

Francisco apresenta a necessidade do agir de Cristo dialogal. Em diversas crises e feridas da nossa ação em sermos cristãos, se faz necessário compreender as dores dos outros, escutar e compreender, sendo caridoso, permitindo encontrar diferenças, mas procurar ajudar e partilhar o bem comum dessa reciprocidade. O diálogo, destaca Francisco, “ajuda as pessoas a humanizar as relações e a superar as incompreensões.”¹²⁰ Desta forma, compreendemos que é uma necessidade do amor de Deus dialogar, encontrando a todos e levando a semente da bondade do Senhor, colaborando em sua obra criacional. Assim, a Igreja, convicta das obras da misericórdia espirituais, sente a necessidade em dialogar com as famílias, com a sociedade mostrando o respeito em compreender as dores e sofrimentos, mas fazendo crescer os sinais da misericórdia de Deus sendo instrumento de acolhimento e respeito. O diálogo

¹¹⁹ Ibid., loc. cit.

¹²⁰ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 22 de outubro de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161022_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

é a experiência de quebrar as barreiras e superar incompreensões, criando um relacionamento sadio sobre a experiência de Cristo:

O diálogo derruba os muros das divisões e das incompreensões; cria pontes de comunicação e não permite que alguém se isole, fechando-se no seu pequeno mundo. Não vos esqueçais: dialogar significa ouvir o que me diz o outro e dizer com mansidão aquilo que penso. Se as coisas correrem assim, a família, o bairro, o lugar de trabalho serão melhores. Mas se eu não deixo que o outro diga tudo o que tem no coração e começo a gritar — hoje grita-se muito — esta relação não terá bom êxito; o relacionamento entre marido e esposa, entre pais e filhos não terá bom êxito. Ouvir, explicar, com mansidão, não agredir o outro, não gritar, mas ter um coração aberto.¹²¹

A misericórdia em suas obras, no espiritual e no corporal, tem mais dois destaques: rezar pelos vivos e pelos defuntos e sepultar os mortos. Rezar pelos defuntos “é um sinal de gratidão pelo testemunho que nos deixaram e pelo bem que praticaram”¹²². Esta ação é destacada por Francisco como prova de amor e amizade. Reconhecemos nestes sinais a experiência do amor de Deus que toca em todas as feridas da humanidade, recordando com este pequeno gesto, de oração, uma recordação simples e cheia de significado, “porque confia os nossos entes queridos à misericórdia de Deus”¹²³. E recordamos com orações, mostrando a beleza da misericórdia, em envolver pela comunhão os sentimentos das diversas famílias em luto, que diariamente são provadas pelos sofrimentos de perda. Portanto, esta comunhão com gesto pelas orações é imersa pelos sinais de beleza, amor e unidade.

Francisco então apresenta à Igreja as obras de misericórdia e o bem que está sendo transmitido nos sentimentos da ação de Cristo, nos sinais concretos do cotidiano, em libertar a todos dos preconceitos e dos medos, e em ser pessoas boas e apresentar um novo jeito de anunciar a ação de Cristo. Por isso, é preciso observar os sinais concretos do amor de Deus, com misericórdia e assumindo novas alternativas de mostrar a generosidade em construir os efeitos da bondade do Senhor no mundo:

Em suma, as obras de misericórdia corporal e espiritual constituem até aos nossos dias a verificação da grande e positiva incidência da misericórdia como *valor social*. Com efeito, esta impele a arregaçar as mangas para restituir dignidade a

¹²¹ Ibid., loc. cit.

¹²² FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 30 de novembro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161130_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

¹²³ Ibid., loc. cit.

milhões de pessoas que são nossos irmãos e irmãs, chamados conosco a construir uma “cidade fiável”.¹²⁴

4.3

Sacramento da Misericórdia

Jesus é a fonte de misericórdia. A Igreja comunica a sua misericórdia. Essa seção vai tratar do tema da Igreja como sacramento de misericórdia e sobre os sacramentos que a Igreja tem, em especial o sacramento da confissão e o anúncio e a prática da misericórdia para a cultura da misericórdia.

4.3.1

Igreja e sacramento da misericórdia na reflexão de Walter Kasper

Nesse primeiro tópico estudamos a Igreja como sacramento do amor e da misericórdia, o anúncio da misericórdia, o sacramento da reconciliação, a prática eclesial e a cultura da misericórdia, e depois as catequeses do Papa Francisco e um comentário.

4.3.1.1

Na Igreja: o Sacramento do amor e da misericórdia

O mandamento da misericórdia é modo vivente do cristão de forma individual e em toda a prática da Igreja, apresentando a misericórdia de Deus nos Sacramentos. O mandamento de amor vivido na Igreja é a extensão da obra de Cristo no seu Corpo místico. Cristo torna eficaz o Sacramento de misericórdia em toda a obra da Igreja. A missão da Igreja está em promover os vínculos da ação misericordiosa, com caridade e sinceridade. Ela promove os Sacramentos, com seus efeitos de edificação dos bens espirituais e materiais entre os seres humanos, sendo de destaque uma construção da vivência da mística do sacramento, da celebração dos sacramentos e seus efeitos concretos, influenciando nas pessoas e na história como permanente vínculo entre a misericórdia e a Igreja como corpo de Cristo misericordioso.

Kasper descreve o sujeito que vive essa ação mística do encontro com o Corpo do Senhor, que está na construção dos bens espirituais, na obra humana e na obra do conjunto de seus membros, que são favorecidos pela ação dos Sacramentos. A prática dos sacramentos mobiliza a todos a se porem ao encontro da missão da Igreja,

¹²⁴ FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica: Misericordia et misera*, n. 18.

em ser presenças vivas das obras do Senhor, com o coração voltado para Deus. As pessoas estão voltadas para Deus principalmente através de obras de amor, movidas pelo Espírito Santo que leva a amar, assim como é destacado por Kasper lembrando os ensinamentos de Santo Agostinho. Kasper afirma:

Devemos entendê-las em relação a outras afirmações feitas por Santo Agostinho no mesmo contexto. Nelas muitas pessoas estão dentro da Igreja só na aparência, mas o coração está fora; por outro lado, muitos dos que estão fora da Igreja pertencem à Igreja se tivermos em conta o seu coração. A pertença exterior à Igreja não é, portanto, suficiente; há que pertencer à Igreja também com o coração, que dizer, há que viver movidos pelo Espírito, movidos pelo Espírito do amor. Embora também encontramos frequentemente esse amor fora, nas pessoas que não pertencem à Igreja visível.¹²⁵

A Igreja deve compreender a realidade do mundo e propor o anúncio e praticá-lo, tornando as iniciativas de acordo com modelos de amor e misericórdia: respeitando os outros; promovendo o serviço e a missão da misericórdia; acolhendo e anunciando a compaixão; e permitindo anunciar e realizar os sacramentos da compaixão – que são todos os sacramentos porque todos são sinais de amor e misericórdia, sendo que alguns são diretamente sacramentos de perdão.

4.3.1.2

A Igreja: O anúncio da misericórdia

O anúncio da misericórdia é uma das principais tarefas da Igreja. Em todos os momentos históricos a Igreja emite sua evangelização anunciando a verdade, transmitindo mecanismos e mensagens que atualizem a misericórdia na sociedade, inspirando a justiça e o amor ao próximo.

A mensagem da misericórdia deve tocar o coração com sentimentos concretos de compaixão, tocando as diversas feridas que comprometam a sociedade em assumir valores da existência humana, e combatendo as indiferenças em todos os aspectos. Assim, a Igreja aprofunda os textos dos Evangelhos quando este anúncio é acompanhado com o testemunho, apresentado no agir do perdão e fundamentando uma participação ativa da Igreja no agir com misericórdia. Segundo Kasper, o anúncio da misericórdia avança na identificação de uma verdade apta para uma mudança na maneira de encarar a realidade, e para dirigir um anúncio, olhando com verdade, que é verdade do testemunho com misericórdia:

¹²⁵ KASPER, W. *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e chave da vida Cristã*, p. 195.

A misericórdia sem a verdade seria um mero consolo carente de sinceridade; seria promessa vã, discurso sem sentido e bafiento. Por outro lado, a verdade sem a misericórdia seria fria, negativa e ofensiva. A verdade não pode ser anunciada sob o lema “aceita-a ou morre”. A verdade não é como uma luva de banho molhada que se atira à cara do outro; antes é comparável a um abrigo acolhedor das inclemências do tempo e à vontade.¹²⁶

4.3.1.3

O Sacramento da Misericórdia ou da reconciliação ou da penitência na vida da Igreja

Os sacramentos revelam a misericórdia de Deus. A Igreja desde a era primitiva viveu a busca pela experiência de Cristo, na busca pelos sacramentos, conjugado a vida particular na prática da penitência, com a decisão de mudança, conversão e transformação de vida. Esta vontade de Deus, transmitida nos Evangelhos, foram apresentados na doutrina e na vida da Igreja, desenvolvendo os sacramentos como meio de salvação e distanciamento do pecado.

Ao longo dos séculos o sacramento da penitência teve diversas modificações, mas o que se percebe fora sempre uma valorização da natureza do sacramento na Igreja, em ser um presente pascal e meio de libertação, onde todos os fiéis voltam “visivelmente para o corpo visível de Cristo”¹²⁷, orientando sua consciência e sua vida espiritual para a prática de uma vida pautada na bondade e no amor de Deus.

Kasper analisa o papel desse sacramento no mundo de hoje, onde identifica uma grande crise, onde muitos cristãos não participam mais do sacramento da penitência, sendo essa “uma das feridas mais profundas da Igreja atual e tem de ser motivo para uma interpretação séria de nossa consciência pessoal e pastoral”¹²⁸. Na maioria dos casos, se conservam diversas justificativas para o afastamento do sacramento da penitência, colocando em dúvida a veracidade do perdão e levando a associar as experiências traumáticas vividas que levaram para afastamento dos confessionários; e ainda outros motivos, colocando os erros pessoais nos outros, não assumindo uma vida de pecado. Estes obstáculos geraram o desencontro do anúncio do Evangelho e a experiência da verdade do que deve ser encontrado no sacramento como encontro de perdão e misericórdia.

¹²⁶ Ibid., p. 199.

¹²⁷ Ibid., p. 202.

¹²⁸ Ibid., loc. cit.

O sacramento revela a vontade de Deus em ter compaixão. Participa da sua atividade de compaixão para o pecador. No sacramento encontramos a libertação dos pesos existenciais e as feridas do passado, porque Deus está nos perdoando. A falta do sacramento traz as dificuldades em caminhar em um mundo cada vez mais ferido pelo abandono a Deus e pela carência de paz espiritual e alegria que o sacramento pode dar:

O sacramento da Penitência é o verdadeiro refúgio dos pecadores, algo que todos nós somos. Nele libertamo-nos dos pesos que carregam conosco. Em nenhum outro momento experimentamos a compaixão de Deus de forma tão imediata, tão direta, tão concreta como quando, em nome de Jesus, nos é dito: “Os teus pecados estão perdoados.” Sem dúvida que não é fácil para ninguém confessar humildemente os seus pecados, que costumam ser uma e outra vez os mesmos; mas todo aquele que os confessa e a quem é dito depois *absolvo te*, não em geral e de forma anônima, mas concreta e pessoalmente, conhece a libertação interior, a paz espiritual e a alegria que este sacramento confere.¹²⁹

O sacramento é um grande bem da Igreja, transformando a vida do penitente. Conseguimos observar frutos da obra de misericórdia tanto individualmente quanto na comunidade, com novas oportunidades de encontro com Deus e transformando os muitos conflitos das pessoas em uma serena paz e paciência, transformados pela misericórdia.

4.3.1.4

A Igreja: Prática eclesial e cultura da misericórdia

A Igreja precisa com razões concretas testemunhar a mensagem da misericórdia, para as obras repercutirem na forma educativa da sociedade, em anunciar e viver os fundamentos da vida de Jesus, levando a misericórdia e compaixão nos gestos, concluindo no perdão das diversas relações e na ajuda preferencialmente aos pobres. Esta cultura da misericórdia resgata os princípios das primeiras comunidades cristãs, em que os carismas estavam na transformação das pessoas e da fraternidade.

O culto divino, portanto, é o espaço que favorece a difusão da cultura da misericórdia, onde a Palavra e os sacramentos fortemente ligados ao anúncio e adesão na vida dos cristãos. Os primeiros a serem influenciados são os representantes eclesiais, que com suas vidas e suas escolhas promovem a ligação ao divino, e enchendo o mundo de amor e compaixão pelos bens eternos. A Igreja, portanto, sendo a

¹²⁹ Ibid., p. 204.

portadora dos bens espirituais, tem a de transmitir a verdade de Jesus Cristo, em todos os campos de ação missionária promovendo sempre uma revolução espiritual.

E sabendo das expectativas da sociedade, a Igreja precisa estar atenta ao mundo presente, em que em muitos casos os valores eternos são distorcidos, tendo conceitos do mundo como verdade, onde gera uma secularização dentro do próprio anúncio da Igreja, e esta perda de sentido pode afetar a difundir a cultura da misericórdia. A Igreja deve anunciar e viver com misericórdia e ajudar a difundir uma cultura da misericórdia.

Desse modo, todos na Igreja devem viver a misericórdia que é a mensagem de Deus. O anúncio do Evangelho e a prática dos sacramentos devem ser feitos com misericórdia na vida. O sacramento da reconciliação é um encontro com misericórdia. No sacramento da reconciliação se deve mostrar misericórdia. As obras dos cristãos no mundo precisam ser de atividade da misericórdia. A Igreja toda deve trabalhar para ajudar o mundo a ter uma cultura da misericórdia. No capítulo 2 desta dissertação foi colocado que o tema da misericórdia é necessário para o mundo e é necessário para uma cultura de misericórdia.

4.3.2.

A Igreja e Sacramento da Misericórdia nos ensinamentos do Papa Francisco

A Igreja celebra o mistério do perdão na experiência do Cristo. Neste item da pesquisa destacamos o perdão na experiência de vida do cristão, especialmente na vida dos sacramentos, e destacamos algumas catequeses do ano jubilar e a carta *Misericordia et Misera*. Destacaremos pontos principais desses ensinamentos, que enfatizam aspectos importantes que o papa desejava lembrar no ano do Jubileu da misericórdia.

Vemos que o Papa Francisco aproxima o ensinamento sobre a misericórdia e o perdão e deseja uma renovação espiritual nos membros da Igreja. Francisco destaca para a experiência da misericórdia e do perdão principalmente os sacramentos da Eucaristia e da reconciliação. Em várias catequeses do ano do jubileu, ele fala sobre a Eucaristia e a prática da misericórdia. Em outras catequeses o papa ensina sobre o sacramento da reconciliação. Em outras catequeses ele fala de outros sacramentos, como destacando também o matrimônio com a vida da família. Fala também de outros

sacramentos, como a unção. Todos os sacramentos são importantes. Destacamos nesta seção alguns ensinamentos sobre Eucaristia, Reconciliação e Matrimônio, mas terminaremos com as recomendações para os ministros da reconciliação.

O papa reflete que a vida da Igreja deve ser com misericórdia e que os sacramentos são sinais para a misericórdia. Em especial, se destaca a experiência do perdão de Deus. Francisco apresenta diversos conselhos para o cristão buscar o sacramento como experiência mística, modificando o seu modo de agir e transformando a maneira de perceber o sacramento, desde dentro das estruturas internas ao externo, na vivência da misericórdia sacramental. Com este objetivo, Francisco convida ao vigor e ao valor inesgotável do perdão, onde aquele que se põe diante do Senhor como pecador recebe do Espírito Santo a força para conduzir sua vida na fé e na alegria de ser perdoado. Desta maneira, o papa descreve uma existência cristã precisa se renovar e se esforçar para revigorar todos os aspectos da vida cristã; e para isto precisa incutir a distância entre Deus e o homem, pelo encontro da reconciliação, e a necessidade de voltar a dignidade humana para reencontrar o caminho do desejo pela vida eterna.

O efetivo progresso do ano jubilar se deu principalmente na experiência mística da Palavra e Eucaristia, onde vemos o Cristo e nos aproximamos mais da nossa humanidade. Com isto, o testemunho concreto da graça de Deus está na administração dos sacramentos, proposto por Francisco como renovação, e exercendo o retorno para a casa de Deus, pelo mandamento do amor misericordioso, e transmitindo e acolhendo os ensinamentos de Deus e a beleza do seu rosto do Pai.

A Igreja estimula aos homens e mulheres de todos os tempos o apetite pelo transcendente, tendo como principal tarefa o “momento da misericórdia” na experiência mística dos sacramentos e fornecendo uma pedagogia articulada à doutrina que propõe frutos de uma vida equilibrada pautada na verdade. Desta renovação, Francisco reacende o caráter transitório da vida e se fundamenta na dinâmica de conversão e santidade em Cristo, provocada pelo amor de Deus, tendo como principal objetivo o encontro definitivo com a sua graça. A bondade de Deus e a coragem são proclamadas pela Igreja, através de Francisco, na missão de transformar as barreiras existenciais dos indivíduos dentro do seu espaço eclesial, e não apenas, mas transformando o mundo na vida concreta pelo Espírito Santo. A misericórdia nos sacramentos provoca a

consciência e estimula o caráter santificante, em vista ao pessoal mas também ao comunitário.

Na vida sacramental recebemos a cura, nos aproximamos do ser misericordioso de Deus. E na Eucaristia, com a experiência do Cristo que doa totalmente a misericórdia para a humanidade, o cristão tem os mesmos feitos de Cristo, e é chamado a doar misericórdia inteiramente ao outro em suas necessidades, partilhando do pão da unidade, promovendo a comunhão. Por isto, a Eucaristia está no centro de toda a mística da Igreja, provendo os seus frutos a todos os sacramentos da Igreja. Assim, na Eucaristia o cristão participa continuamente do amor de Cristo e opta pelas necessidades de ajudar aos outros, partilhando seus dons e carismas. A Eucaristia na vida da Igreja provoca a sair de si e levar a construir uma partilha comunitária com os bens eternos e com os bens materiais, e superar as barreiras existenciais e os preconceitos e chegar aos outros podendo ajudar de vários modos.

Na celebração Eucaristia, a misericórdia é invocada e “reaparece várias vezes no diálogo entre a assembleia orante e o coração do Pai”¹³⁰. Na liturgia sacramental da Eucaristia, em toda a beleza litúrgica e sacramental, a rica linguagem celebrativa da palavra misericórdia aparece em muitas orações, e faz observar que o sacramento eucarístico é um vínculo do amor misericordioso de Deus que doa totalmente nas espécies consagradas. No Cristo, esta misericórdia se percebe no altar, em sua mesa; com os frutos da cura e a profundidade para livrar toda a percepção dos males da vida, somos recriados para fé e o bem; logo esta graça reconhece os filhos que recebem de Deus o dom da misericórdia, para terem compaixão uns pelos outros. Portanto, na vida sacramental temos a “abundância da misericórdia”¹³¹.

A misericórdia na vida sacramental se destaca na Eucaristia. Francisco transmite como a comunidade cristã vive e celebra a misericórdia na Eucaristia e como é levada ao serviço ao próximo:

A comunidade cristã nasce e renasce continuamente desta comunhão eucarística. Por isso, viver a comunhão com Cristo é totalmente oposto ao permanecer passivo e alheio à vida de todos os dias mas, ao contrário, insere-nos cada vez mais no relacionamento com os homens e as mulheres do nosso tempo, para lhes oferecer o sinal concreto da misericórdia e da atenção de Cristo. Enquanto nos alimenta de Cristo, a Eucaristia que celebramos também nos transforma gradualmente em

¹³⁰ FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica: Misericordia et misera*, n. 5.

¹³¹ Ibid., loc. cit.

corpo de Cristo e alimento espiritual para os irmãos. Jesus quer alcançar cada um, para levar a todos o amor de Deus. Por isso, faz de cada crente um servidor da misericórdia. Jesus viu a multidão, encheu-se de compaixão por ela e multiplicou os pães; e assim faz a mesma coisa com a Eucaristia. Quanto a nós, crentes, que recebemos este pão eucarístico somos levados por Jesus a oferecer este serviço ao próximo, com a sua própria compaixão. Este é o percurso.¹³²

O sacramento do perdão promove a cura do cristão e o faz perceber o conhecimento de justiça vivido na compaixão. Em oração, a Igreja confessa a revelação desse amor estendido do Pai à humanidade. Revelação do amor de Deus no mundo, nos seres humanos e nas criaturas.

Essa transformação espiritual, pela via dos sacramentos, é testemunhada no respeito à divindade e à humanidade, levando a “seguir em frente, com coragem”.¹³³ Desta maneira, o perdão é dado pela Igreja de forma livre, na intenção fundamental de acolher e encontrar cada pessoa, curando no corpo e no espírito. E mantendo essa ligação ao amor de Deus “aprendemos a ser misericordioso com o próximo.”¹³⁴

O perdão de Deus manifesta a reciprocidade de Deus e este encontro, transforma em vias concretas, no respeito das relações da vida em fraternidade, onde reconhecemos a misericórdia como dádiva e a compreensão de Deus aos delitos cometidos. A Igreja renova-se pela reconciliação, existindo uma nova compreensão pelos delitos e aprofundando a riqueza do diálogo “constante de Deus com o povo”¹³⁵. A graça sacramental da reconciliação, não apenas deve ser vista no caráter individual, mas a dimensão comunitária.

O sacramento da reconciliação tem o desejo de mostrar todo o carinho de Deus ao penitente, como nos apresenta Francisco:

A celebração da misericórdia tem lugar, de forma particular, no sacramento da Reconciliação. Esse é o momento em que sentimos o abraço do Pai, que vem ao nosso encontro para nos restituir a graça de voltarmos a ser seus filhos. Nós somos pecadores e carregamos conosco o peso da contradição entre o que quereríamos fazer e aquilo que, ao contrário, acabamos concretamente (Rm 7, 14-21); mas a

¹³² FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 17 de agosto de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160817_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

¹³³ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 31 de agosto de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160831_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

¹³⁴ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 14 de setembro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160914_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

¹³⁵ FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica: *Misericordia et misera***, n. 7.

graça sempre nos precede e assume o rosto da misericórdia que se torna eficaz na reconciliação e no perdão. Deus nos faz compreender o seu amor imenso precisamente à vista da nossa realidade de pecadores. A graça é mais forte, e supera qualquer possível resistência, porque o amor vence (1Cor 13,7).¹³⁶

Também a Igreja é convocada a não julgar, a não condenar os outros, e reconhecer os limites de sua própria prática e avaliar como deve estar sempre melhorando suas ações, e ser evangelizada e purificada sempre, ao passo que deve trabalhar na ação evangelizadora no mundo.

A Igreja reconhece o privilégio e a responsabilidade de ser a portadora do serviço do perdão e manter-se firme na alegria de doar-se ao perdão. Por isso, tem a missão de formar pastoralmente e tornar evidente o encontro do fiel com a misericórdia no sacramento da reconciliação. Por isto, tem a necessidade de se mostrar fidedigna à vontade do Pai, com seus sacerdotes e seus missionários. Francisco reconhece a graça desse perdão na Igreja, e exorta a todos se apaixonarem pela “experiência da reconciliação.”¹³⁷ Este convite ele dirige a toda a Igreja, em que todos têm a necessidade de curar as cicatrizes do pecado e elevar a vida para a grande graça do perdão.

A reconciliação convoca os homens a desejar e amar a misericórdia. Havendo o pecado e em alguns casos a rebeldia, a Igreja provoca o fecundado desejo de aproximar do perdão, sendo ela a portadora de amor misericordioso e torna presente o perdão na vida espiritual dos seus membros, por isso deve conscientizar sobre uma liberdade pautada na promessa de Deus. Assim, deve afastar dos perigos do esquecimento do amor e ir contra as ideias do relativismo e individualismo, que levam ao fechamento de si e das relações humanas, consequentemente ao egoísmo. Por isso, longe de Deus o pecador pode tornar-se egoísta e auto-suficiente. E para curar as pessoas, o Papa Francisco recomenda a reconciliação, transformando os sinais do mal em “instrumentos dóceis ao Espírito Santo”¹³⁸. Assim, tal experiência de reconciliação leva-nos a redescobrir os valores importantes da sociedade que podem estar adormecidos no pecado.

¹³⁶ FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica: Misericordia et misera*, n. 8.

¹³⁷ Ibid., n 9.

¹³⁸ FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral, 30 de abril de 2016*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160430_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Na fidelidade a Deus, muitos casais procuram desenvolver em seus lares e na vida fraterna, a graça da reconciliação no amor a misericórdia de Deus, exercendo a consolação dos sentimentos de alegria e felicidade. No o sacramento do matrimônio a herança da reconciliação se desenvolve nas conversas de fraternidade, no carinho, no respeito, reconhecendo os frutos da misericórdia de Deus, nos filhos, nos parentes e amigos. Neste ambiente de inteira harmonia, as famílias testemunham o calor e afeto das relações familiares. A vida familiar poderia ser pautada nessas ideias para viver melhor a condição de cristãos. Assim, Francisco recomenda o fortalecimento da família como aproximação de perdão e misericórdia:

A graça do sacramento do Matrimônio não só fortalece a família, para que seja o lugar privilegiado onde se vive a misericórdia, mas também compromete a comunidade cristã e toda a atividade pastoral para pôr em realce o grande valor propositivo da família.¹³⁹

Papa Francisco agradece aos missionários da misericórdia, onde como verdadeiros sinais promovem a graça do perdão como “porta santa”. Achamos que os missionários da misericórdia poderiam ser os padres, que dão o sacramento da reconciliação, e também todos os que anunciam e vivem a misericórdia.

O papa convida aos sacerdotes a serem estes instrumentos de gratuidade, nunca esquecendo que “a Igreja não é uma comunidade de pessoas perfeitas, mas de discípulos a caminho, que seguem o Senhor porque se reconhecem e necessitados do seu perdão.”¹⁴⁰ E conclui com o verdadeiro valor e fidelidade do sacramento da cura ministrado pelo múnus sacerdotal, onde o ministro da confissão deve ter vários cuidados e deve mostrar misericórdia:

Aos sacerdotes, renovo o convite para se preparem com grande cuidado para o ministério da Confissão, que é uma verdadeira missão sacerdotal. Agradeço vivamente pelo vosso serviço e peço serdes acolhedores com todos, testemunhas da ternura paterna não obstante a gravidade do perdão, solícitos em ajudar a refletir sobre o mal cometido, claros ao apresentar os princípios morais, disponíveis para acompanhar os fiéis no caminho penitencial, respeitando com paciência o seu passo, clarividentes no discernimento de cada um dos casos, generosos na concessão do perdão de Deus. Como Jesus, perante a adúltera, optou por permanecer em silêncio para salvá-la da condenação à morte, assim também o sacerdote, no confessionário, seja magnânimo de coração, ciente de que cada

¹³⁹ FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica: Misericórdia et misera*, n. 14.

¹⁴⁰ FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral, 13 de abril de 2016*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papa-francesco_20160413_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

penitente lhe recorda a sua própria condição pessoal: pecador, mas ministro da misericórdia.¹⁴¹

Em diversas oportunidades durante o ano jubilar, Francisco exorta sobre o cuidado do sacramento do perdão, e recomenda a testemunharem o valor do ministério do perdão, desenvolvendo uma teologia de encontro do fiel a força libertadora.

Os sacerdotes devem ser facilitadores, conquistarem com o olhar fraterno e carinho das relações, com respeito e terem a convicção de não estarem em “um interrogatório”, mas tendo o rico desenvolvimento que o Pai recebe todos com carinho. O rosto da misericórdia deve ser rico em consolação, sendo os confessionários verdadeiros sinais de transformação do coração.

Papa Francisco adverte da necessidade da Igreja a não esquecer o sacramento do perdão, como dom das curas de diversas dores humanas, e de estar aberto a dar o perdão:

O sacramento da Reconciliação precisa de voltar a ter o seu lugar central na vida cristã; para isso requerem-se sacerdotes que ponham a sua vida ao serviço do “ministério da reconciliação” (2 Cor 5, 18), de tal modo que a ninguém sinceramente arrependido seja impedido de aceder ao amor do Pai que espera o seu regresso e, ao mesmo tempo, a todos seja oferecida a possibilidade de experimentar a força libertadora do perdão.¹⁴²

4.3

Comentário

Acrescentamos aqui um breve comentário que tem a intenção de valorizar o conjunto dos ensinamentos estudados e acentuará alguns aspectos, mostrando também que o estudo poderia ser continuado com outros autores.

A referida dissertação tem buscado tantos elementos sobre a misericórdia de Deus na obra do autor Walter Kasper, utilizando estudos principais feitos por ele sobre o dom da misericórdia para a humanidade na obra salvífica e o acesso da humanidade a viver a atitude fundamental da misericórdia que é experiência e anúncio do amor de Deus. E conjuntamente ao ano jubilar, compreendemos o agir da misericórdia nos diversos conteúdo das audiências gerais de Papa Francisco e nos documentos de abertura e conclusão do Jubileu. De onde, com suas experiências pessoais e pastorais,

¹⁴¹ FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica: Misericordia et misera*, 11.

¹⁴² Ibid., cit. loc.

ele nos ajuda a reconhecer nos ensinamentos evangélicos motivações para provocar na Igreja uma verdadeira revolução nos costumes até então realizados. O que o papa acentua de novo é o modo como insiste em colocar destacada a misericórdia.

Os muitos tópicos levantados nesse capítulo da dissertação, sobre estes dois autores, foram úteis para compreender a extensão do conteúdo e a importância da misericórdia na Igreja e na sociedade. Pode-se ver como na Igreja deve ser refletido que Deus é Deus de misericórdia e que na práxis da Igreja se deve aplicar a misericórdia. Vimos que o mundo carece de misericórdia.

Esta análise com pretensão teológica procura contribuir em desenvolver outros desafios para a Igreja, testemunhando a misericórdia em sua forma de atuar, sendo efetivamente ligada à Revelação e conduzindo a Deus. Comentaremos ainda três pontos, para acentuar sua importância, e dizer que o tema pode ser retomado ainda na teologia e na pastoral, pois os aspectos importantes que foram levantados, de todo o conteúdo teórico desenvolvido e de sugestões pastorais, foram importantes para mostrar como a revelação mostra a misericórdia e dá o caminho e a capacidade em realizar o agir de Cristo, nas obras de misericórdia, as corporais e espirituais, e ainda, na experiência do sacramento da reconciliação como movimento concreto da graça de Deus, e como experiência da misericórdia de Deus, como sacramento do amor do Pai.

A Igreja, pode estar então gozando dessas verdades de fé e mostrando a sua prática e obsevando a nítida necessidade de voltar às raízes do sacramento do perdão e motivar uma saúde espiritual aos seus membros, que experimentam o perdão e que praticam obras de amor.

Estas reflexões podem ser assim tiradas do que foi visto nos autores estudados e muitos pontos foram pensados por outros autores, que reconhecem de modo semelhante às características da fé e da teologia com a prática da misericórdia. Não é objetivo da dissertação usar todos os autores em tudo que dizem sobre a misericórdia. Destacaremos, para mostrar a importância de alguns tópicos, que relembram o conjunto visto, mais alguns desses pensamentos importantes de outros autores, que se aproximam do que foi dito, para apresentar a importância do estudo e a necessidade pastoral e necessidade para a cultura de hoje de prática da misericórdia, como notado e enfatizado por Francisco.

4.3.1

A misericórdia é atributo de Deus

Sobre o ensinamento sistemático que diz que a misericórdia é atributo de Deus e que está na essência de Deus, vamos lembrar dois pensamentos. Um pensamento é dado por João Paulo II na encíclica *Dives in misericordia*. Outro pensamento encontramos no estudo de Eric Hammes sobre a ética da misericórdia, ele liga a ética da misericórdia com a misericórdia de Deus, comentando um tópico ligado ao Papa Francisco, dizendo que a misericórdia é o nome de Deus.

O que vimos durante esse capítulo pode ser corroborado com esses pensamentos. Ou seja, vimos que Deus age na história e ao agir na história com misericórdia salvífica Ele se revela como Deus de misericórdia. O papa São João Paulo II na encíclica já tinha acentuado que Deus se revela como Deus de misericórdia. O papa deu o título para a encíclica com as palavras de Ef 2,4 “Deus que é rico em misericórdia.” O papa São João Paulo II também comentou muito os profetas, dizendo que “a misericórdia de Deus significa uma especial potência do amor, que prevalece sobre o pecado e sobre a infidelidade do povo eleito”.¹⁴³ Ele cita os profetas. O papa João Paulo mostra que a misericórdia de Deus é algo da riqueza de Deus e a Igreja deve viver também com a misericórdia experimentada por ela como graça de Deus.

Assim, vemos que os tópicos ditos por Walter Kasper e pelo Papa Francisco podem retomar o ensinamento da misericórdia presente na Bíblia e no magistério anterior. A misericórdia é atributo de Deus. Porém, nesses autores que estudamos vimos aprofundamentos para hoje a Igreja valorizar a misericórdia e para incentivar a Igreja à prática da misericórdia.

Sobre a reflexão sistemática da misericórdia como atributo de Deus, Erico Hammes acentua a ideia de dizer que a misericórdia é nome de Deus. Então, Deus deve ser pensado e chamado como Deus de misericórdia. Erico Hammes fala que a misericórdia só pode aparecer quando alguém se abaixa na direção do outro. Ele cita a parábola do pai misericordioso e do bom samaritano. Ele diz que a misericórdia vai na

¹⁴³ JOÃO PAULO II. *Encíclica Dives in misericordia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 20.

direção do outro e “procura reerguê-lo com braço construtivo”.¹⁴⁴ Conforme vimos na obra salvífica, descrita por Kasper, Deus vem na direção da humanidade para reerguê-la. Portanto, esse tópico pode receber comentários e ser aprofundado na teologia sistemática sobre o modo de ser de Deus revelado em Cristo.

Erico Hammes diz também que a ideia de Deus misericordioso leva a pensar em um princípio teologal da misericórdia:

Deve-se ressaltar que falar de um Deus misericordioso e, mais ainda, de um princípio teologal da misericórdia, pode ser interpretado depreciadamente. No entanto, só Deus misericordioso pode ser misericordioso. Um Deus sem misericórdia não pode ser misericordioso. Trata-se de uma escolha, teologicamente, aceitar como verdadeira uma determinada revelação que diga respeito a um Deus misericordioso.¹⁴⁵

Isso mostra como o tema da teologia sistemática sobre Deus e o atributo da misericórdia pode ser pensado por nós. Esse atributo de Deus pensado na teologia é algo que encontramos em Kasper e no Papa Francisco. O nome de Deus como misericórdia, leva-nos a pensar nas obras de misericórdia, sendo que consideramos que só apenas as pessoas que vivem as bem-aventuranças conseguem mais ter um bom relacionamento com o outro e exercer a misericórdia e suas obras. Esta reflexão do agir da misericórdia ocupa o valor central no pontificado de Francisco, que tem a capacidade de deixar transparecer a imagem dos afetos de Deus.

A misericórdia é um comportamento que nasce do sentimento do amor de Deus e facilita a comunicação com o externo, tendo como principal comportamento o sentimento para o outro no mesmo desejo profundo de Deus de se encontrar compassivo para a humanidade. Por isso, Rosaldo Zacharias parte de uma compreensão bíblica e descreve a misericórdia como um relacionamento ético e puro de Deus:

Não ser misericordioso é, para Deus, ser infiel a si mesmo, trair a sua própria deidade, o que é impossível. Esta necessidade de Deus – a de ser misericordioso – coincide, numa conjunção de opostos, com sua mais própria liberdade e espontaneidade, com sua liberdade e gratuidade, no relacionamento conosco, os homens, suas crias, suas crianças, a pupila de seus olhos. A misericórdia é, pois, fidelidade de Deus ao seu coração, isto é, ao âmago do seu próprio ser, onde quem domina é a sua misericórdia, ou seja, seu amor terno, matricial, visceral.¹⁴⁶

¹⁴⁴ HAMMES, Érico J. “O princípio Teologal da Misericórdia”. In: MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Org.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*, 2016, p. 54.

¹⁴⁵ HAMMES, Érico J. “O princípio Teologal da Misericórdia”, p. 52.

¹⁴⁶ STEINER, Leonardo Ulrich, “Ética da Misericórdia”. In: MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Org.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*. Aparecida: Santuário, 2016. p. 36.

Desse modo, é importante o ensinamento do Kasper sobre o atributo de misericórdia aprofundado pelo Papa Francisco. O imperativo relacional com Deus é o encontro do amor de Deus, capaz de centralizar em nós o desejo de Deus que é a misericórdia, e que entrando no coração da Igreja renova os membros e suas obras.

4.3.2. Obras da misericórdia

A misericórdia é a experiência de Deus no coração do ser humano, de modo a realizar o Evangelho de forma original e celebrativo na percepção de ajudar a quem sofre, fecundado no coração com uma alegria espontânea de doação. Assim, a misericórdia é a pureza do coração de Deus que se aproxima do coração humano e da Igreja, centralizando na simplicidade sem esperar nada de trocas ou de mudanças a respeito do assistido. As obras de misericórdia mostram este envolvimento da misericórdia, o olhar humano no mesmo afeto do rosto de Deus, a misericórdia sendo “alegre, sonhadora e criativa, (...) sabe desfrutar com a beleza e o bom humor, com o ar fresco e a água clara, com o vinho de Caná e a hospitalidade dos amigos”¹⁴⁷. Portanto, segundo José Luis Mumbiela, a misericórdia desfruta de pequenos momentos e leva no coração a verdadeira essência de Deus.

Aproximando do Pai, a Igreja é contagiante em proporcionar a alegria, o ser, reconhecendo a dádiva da misericórdia e tendo uma fé autêntica. Desta maneira, reconhecendo Cristo e suas obras, o descobre o Redentor do mundo, e sente-se impelida a desejar a Deus como infinito que leva à conversão. A misericórdia de Deus seria a manifestação do amor de Deus, tornando visíveis os sinais de Deus na ação de Cristo, e motiva na humanidade a sair de si, a não pensar só em si mesmo, ou só em seu próprio benefício.¹⁴⁸ A misericórdia seria o “profundo respeito por aquilo que o ser humano é”¹⁴⁹. As obras de misericórdia são a manifestação deste respeito, na realização dessa misericórdia, tendo como anúncio o Evangelho. Esta manifestação em atos concretos da divindade do Senhor, dando testemunho da misericórdia em toda sua missão. Como descreve São João Paulo II, na *Dives in Misericordia*:

¹⁴⁷ SIERRA, José Luis Mumbiela. **Qué significa Misericórdia**. Madri (Espanha): Ediciones Palabra, 2016, p. 14.

¹⁴⁸ Ibid., p. 16.

¹⁴⁹ JOÃO PAULO II. *Encíclica Dives in misericordia*, p. 73.

A Igreja deve dar testemunho da misericórdia de Deus revelada em Cristo, ao longo de toda a sua missão de Messias, *professando-a* em primeiro lugar como verdade salvífica de fé necessária para a vida em harmonia com a fé; depois, *procurando introduzi-la e encarná-la na vida* tanto dos fiéis, como, na medida do possível, na de todos os homens de boa vontade. Finalmente professando a misericórdia e permanecendo-lhe sempre fiel, a Igreja tem o direito e o dever de apelar para a misericórdia de Deus, *implorando-a* perante todas as formas do mal físico ou moral, diante de todas as ameaças que tornam carregado o horizonte da humanidade contemporânea.¹⁵⁰

A misericórdia diz respeito a ações da humanidade em compaixão ao outro, tendo o objetivo em externar virtuosamente o temor a Deus. Dessa forma, os sentimentos, as dores e sofrimentos pela miséria do outro se condicionam a virtuosa alegria de amar a Deus, e conseqüentemente realizamos as obras de misericórdia, transmitindo ao mundo a caridade fervorosa de amar o próximo. Assim as obras de misericórdias corporais ou espirituais são motivadas pela renúncia de si para encontrar o outro em suas dificuldades.

São Tomás descreve a misericórdia como resumo de toda a vida cristã, onde com as obras externas, temos os mesmos sentimentos de Cristo e nos unimos na caridade, amando ao próximo, suprimindo as deficiências humanas do pecado. A misericórdia, portanto, segundo São Tomás de Aquino, é esta forma virtuosa a ter “(...) na compaixão pela miséria alheia.”¹⁵¹

Podemos observar ao longo de todo o processo de estudo, tanto em Kasper e ao Papa Francisco, a necessidade de motivar a ação renovadora da misericórdia em obras concretas. Esta iniciativa diz respeito a aprofundar a misericórdia na Igreja de forma a melhorar a vida testemunhal no autêntico serviço de misericórdia.

Desta maneira, a misericórdia é esta rica capacidade de amar de forma simples e humilde, reconhecendo que, apesar das diversas culpas que cometemos ou das fragilidades, somos capazes de sermos bondosos e inundar o mundo de misericórdia.

Portanto, a misericórdia nos faz abertos ao meio e maduros nos relacionamentos, como Anna Bissi afirma, no seu artigo “A misericórdia, caminho de libertação humana e espiritual”, onde ela diz:

¹⁵⁰ Ibid., p.63.

¹⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**, Vol. 5. São Paulo: Loyola, 1984. Questão 30, artigo 2.

A percepção de bondade dos que amam obriga-nos não só a sermos agradecidos a eles, mas também estimá-los. Com efeito, não existe verdadeira experiência de misericórdia que não seja acompanhada pela gratidão, porque descobrir alguém que nos ama não pode deixar-nos indiferentes. Esse tipo de amor, pois, liberta-nos de todos aqueles medos egocêntricos que, em geral, caracterizam nossa maneira de ser no relacionamento: a pretensão, a indiferença, as reivindicações, abrindo-nos para a humilde gratidão diante de alguém que descobrimos ser gratuitamente bondoso conosco.¹⁵²

Kasper e o Papa Francisco acentuaram a importância da prática da misericórdia. Eles mostraram nosso agir na misericórdia de Deus, ou agindo pelo amor de Deus que nos capacita. Pela liberdade do amor de Deus que nos dá gratuidade. Com a misericórdia conhecemos a Deus.

Os ensinamentos de Kasper e de Francisco ajudam a entender que por causa da misericórdia de Deus na obra salvífica e pela experiência que temos da sua misericórdia dada na Igreja e na vida do cristão experimentando o encontro com Jesus, conhecemos o amor de Deus. Também nessa experiência conhecemos a nós mesmos como pessoas que têm limites e que precisam de perdão, mas, ao mesmo tempo, temos a graça do amor salvífico e somos agradecidos pela misericórdia que Deus nos dá, e podemos agir com gratuidade com misericórdia, e de modo oblato e mais amadurecido.

No compromisso ético da misericórdia apontado por Francisco e Kasper existe a necessidade de levar o cristão à conversão pessoal aos valores do Reino, em amor, solidariedade, partilha e compaixão. É neste desejo de motivar a consciência reta dos cristãos, que Papa Francisco e Kasper apresentam a realidade do tempo e da sociedade em que vivemos. Desta realidade, os desafios apresentados para a mudança sugerem aos cristãos reconhecer erros pessoais e eclesiais, em muitos casos não tendo a presença do perdão, carregando feridas por muito tempo. Então percebemos na análise dos autores que destacamos, Kasper e Francisco, reflexões para a promoção de uma misericórdia alicerçada pela esperança e a alegria do Evangelho, sustentado pela graça reconciliadora, onde todos temos a possibilidade da conversão e da santidade.

¹⁵²BISSI, Anna. “A misericórdia, caminhos de libertação humana e espiritual”. In: VIRGILI, Rosana. **Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 144.

As obras de misericórdia corporais e espirituais propõem esta consciência moral e ética. Sérgio Grigoletto convida a exercer o caráter ético como compromisso de responsabilidade vinda da fé. Essa consciência reta e intransponível, fecunda pelo Espírito, está pautada pelos valores renovados pelo Evangelho da misericórdia, onde somos os promotores da fé cristã. Assim, a consciência tem caráter formativo, onde a Igreja tem como responsabilidade apresentar o paradigma confessional levando o cristão a esta coerência vivendo com ética na sociedade e por isso devendo ter uma formação:

A formação da consciência apresenta-se como uma tarefa ética fundamental de cada pessoa que queira continuar fiel à própria dignidade e agir de modo autenticamente livre. Por ser uma estrutura complexa e pessoal, consequentemente, a sua formação é ainda mais importante e delicada.¹⁵³

A Igreja como a principal formadora da consciência cristã, seguindo o desejo de Francisco em viver os valores do Ano da Misericórdia, recorda aos membros a serem compassivos, apresentando ao mundo o dinamismo no gesto de amar e transfigurar o mundo, como uma Igreja samaritana e rica da promessa do seu Criador e da mensagem do Cristo. Essa espiritualidade deve encarnar-se no cotidiano, retirando todas as barreiras da indiferença, ajudando a todos em suas causas, projetos, sonhos e necessidades. A misericórdia é o atributo de Deus e permite aos pecadores seguir a justiça. Desta forma, a Igreja é chamada a ser no mundo sinal da misericórdia:

Desta maneira, a Igreja é chamada a oferecer ao mundo algo que o mundo não pode dar: amar a troco de nada, já que é uma comunidade cristã nascida do amor misericordioso do Pai e uma Igreja da misericórdia, Igreja samaritana, que ama os incapazes de amar.¹⁵⁴

4.3.3

Sacramentos da misericórdia

A misericórdia é dada de maneira eficaz no sacramento da reconciliação, na experiência do perdão. Papa Francisco e Kasper contribuíram para um esclarecimento a cerca da doutrina sacramental, buscando convocar toda a Igreja para experiência da misericórdia, nas pastorais, e na relação entre penitente e sacerdote, em toda a vida da Igreja. No início do Ano da Misericórdia com a motivação inicial para as “24 horas para

¹⁵³ GRIGOLETO, Sérgio. “Alguns desafios para a ética teológica de uma Igreja em saída.” In.: MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Org.). **O Imperativo Ético da Misericórdia**. Aparecida: Santuário, 2016, p. 318.

¹⁵⁴ MONGE, Manuel S. **Este es el tiempo de la misericórdia**. Maliaño (Espanha): Editorial Sal e Terrae, 2016, p. 119.

o Senhor”, Francisco deixa claro sua preocupação para a experiência do perdão, mostrando a confissão como uma maneira positiva de amor a Deus e a sua divina misericórdia. Ao longo do estudo vemos, tanto no próprio Francisco como Kasper que se preocupam com elementos fortemente difundidos na Igreja que contribuem para o esfriamento e consequente a do perdão sacramental. Assim, este comentário pretende abordar essas linhas de afastamento e também modelos que visam a fortalecer a identidade do perdão na Igreja.

No coração humano de maneira subjetiva observamos os traços sacramentais da atuação de Cristo: com isto, a conversão e santidade dos fiéis, provocando um novo traço de entender a Deus, na maneira livre e consciente de encarar as verdades da fé, alegre e positiva. Assim, a Igreja é capaz e pode “dar testemunho da misericórdia de Deus em toda a sua missão”.¹⁵⁵ O impacto pastoral da misericórdia sacramental é dado com a consciência reta do penitente, descobrindo em si a permissão dos pecados, redescobre sua conduta pela luz de Jesus e permite encarar melhor os outros, o chamando de próximo pelo amor a Deus.

No Papa Francisco verificamos a iniciativa de uma renovação que consiste em proclamação da mensagem do coração de Cristo, da força da alegria do Evangelho. A necessidade animadora convida a responder os anseios da mensagem Cristã com o estímulo do amor salvífico de Deus. A iniciativa do ano da misericórdia é promover entre todos a principal vontade do Pai, que manifesta a graça do Espírito Santo em revelar sempre o amor misericordioso através da humanidade de Cristo. Essa novidade anunciada na Igreja enfatiza a fé e transforma a mensagem e seu acolhimento ao longo dos séculos. Mário França analisa o legado do Papa Francisco e sua disponibilidade em transformar a pastoral e seu anúncio escatológico, e faz uma análise da crise da verdade e do anúncio:

Constantemente nos pronunciamentos desse papa é a exigência de conversão por parte dos membros da Igreja, que aparece assim como condição necessária para uma pretendida reforma eclesial. Sejam as resistências, sejam os apelos à conversão, nos indicam a urgência de abandonarmos hábitos e mentalidades ainda em vigor e abraçarmos com mais generosidade o que nos pede o Evangelho.¹⁵⁶

¹⁵⁵ JOÃO PAULO II. *Encíclica Dives in misericordia.*, p. 63.

¹⁵⁶ MIRANDA, Mário de França. *A reforma de Cristo. Fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 12.

Ao longo dos séculos diversos problemas afetaram o exercício do sacramento do perdão, houve um esfriamento considerável. Francisco e Kasper descreveram essa problemática, e apresentam a essência sacramental como modelo para retornar as características de Cristo e sua prática misericórdia, mostrando a Igreja como facilitadora na doação do perdão, assim como o Mestre. No anúncio da misericórdia divina, exortam aos penitentes, clérigos ou não, a atenção para os benefícios espirituais e pastorais, da ação sacramental do perdão. Desta maneira, ambos afirmam a necessidade de individualmente procurar o confessor como uma rica experiência do encontro do amor de Deus, retirando os traumas pessoais e comunitários.

O teólogo Mario França em seu estudo aponta a necessidade de valorizar o sacramento da penitência na Igreja, como é visto no estudo de Kasper e no incentivo pastoral de Francisco. Assim, em seu estudo aponta problemas que influenciaram a perda de sentido desse sacramento. E com isto, apresenta três pontos críticos: “ideia deformada da própria fé em Deus, perda crescente do sentido de pecado, e, compreender e aceitar a mediação da Igreja para o perdão de Deus”¹⁵⁷.

Dessas indicações, Mario França vincula as críticas ao modelo de sagrado, compreendido no senso comum, onde os espaços perderam sua ação sagrada e deixam de exercitar a experiência espiritual e a natureza acolhedora por parte do confessor e penitente. Portanto, percebemos uma confissão cada vez mais mecanizada e afastada da satisfação e misericórdia:

De fato, para muitos estas confissões aparecem como práticas mecânicas e formalísticas: confessa-se obedecendo formulações estereotipadas, monótonas e legalistas, sem que nelas entrem, muitas vezes, os problemas autênticos do penitente, seus deveres profissionais, sua responsabilidade social por um mundo mais justo e fraterno; uma concepção mágica da eficácia do rito, latente entre muitos católicos devido a uma falsa ideia do opus operatum, impede que os mesmos deem a importância devida à conversão do coração; com isto a dimensão teológica do sacramento, como celebração visível e eclesial desta conversão, não consegue emergir; também as penitências impostas pelo confessor, frequentemente simbólicas e desligadas da vida real do penitente em seu esforço de conversão, servem para reforçar esta concepção mágica.¹⁵⁸

¹⁵⁷ MIRANDA, Mario de França. **Sacramento da penitência. O perdão de Deus na comunidade eclesial**. São Paulo: Loyola, 1996, p.5-6.

¹⁵⁸ Ibid., p. 7.

A Igreja recorda da sua ação no mundo quando faz a reflexão pessoal e comunitária sobre a atuação da misericórdia nos sacramentos e na ação pastoral. Assim, percebendo algumas distorções do testemunho, procura reformar os sentidos e apresentar as necessidades para colocar sempre “em vias de reformas”¹⁵⁹. Essas vias, nos sacramentos, reformam a esperança e a caridade. E com o sacramento da Eucaristia renova a vida espiritual da Igreja, levando à conversão e ao perdão, exercendo o cuidado necessário em espalhar no mundo uma intensa busca pela misericórdia.

A Igreja sempre buscou inundar no mundo a misericórdia, alguns documentos mostram a ideia desse profundo desejo. Podemos perceber isso na *Divina in Misericordia*, de São João Paulo II, o modo de encontrar a misericórdia está na realização da vida sacramental, expressando na “piedade pessoal e comunitária”¹⁶⁰. Este desejo por santidade e conversão provoca a transformação, isto em um coração consciente e necessitado de Cristo. Portanto, “a Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia”¹⁶¹ e renova suas forças nos sacramentos da Eucaristia e Penitência, com isto procura curar do individualismo e egoísmo, que podem ser gerados pela falta de perdão. Este compromisso vital de administrar os sacramentos se percebe na conversão e na descoberta da misericórdia, como nos apresenta João Paulo II na encíclica *Dives in Misericordia*:

O autêntico conhecimento do Deus da misericórdia, Deus do amor benigno é a fonte constante e inexaurível de conversão, não somente como momentâneo ato interior, mas também como disposição permanente, como estado de espírito. Aqueles que chegam ao conhecimento de Deus assim, aqueles que o “vêem” assim, não podem viver de outro modo que não seja convertendo-se a ele continuamente.¹⁶²

A Igreja oferece ao mundo o legado de uma transformação e renovação, tendo a necessidade vital de uma decisão de seus pensamentos, que foram evoluindo na mensagem com linguagens próprias sem modificar a verdade do Evangelho. É esta a preocupação pastoral de Francisco, permitir uma linguagem da misericórdia que tem fundamento nos atributos divinos de Deus e são anunciados no seu Evangelho, e anunciados pela alegria do encontro com Deus e com o outro, movido de atitude de

¹⁵⁹VIGUERA, Valentín. **Misericordia, Señor, misericordia. El sacramento de la reconciliación.** Madrid (Espanha): Ediciones Palabra, 2016, p. 104.

¹⁶⁰JOÃO PAULO II. **Encíclica *Dives in misericordia***, p. 64.

¹⁶¹Ibid., p. 65.

¹⁶²JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Dives in Misericordia***, p. 67.

servir ao aproximar o Cristo à sociedade. O autor Marlos Aurélio, traçando o perfil do anúncio da Igreja desde o Vaticano II até os momentos de Francisco, mostra a preocupação da identidade cristã da Igreja e de sua necessidade de transformação:

(...) Os cristãos têm o dever de anunciar sem excluir ninguém; não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem compartilha uma alegria, assinala um belo horizonte, oferece um banquete desejável. A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração”. A alegria do Evangelho é missionária e sempre tem a dinâmica do êxodo e do dom, do sair de si, do caminhar e semear sempre de novo, sempre mais além.¹⁶³

Kasper e Francisco, ao procurar no estudo sobre a misericórdia, tinham o desejo da Igreja pela conversão e santidade, levados pela contemplação da compaixão. Eles reconhecem estes valores vitais e precisos de fé conscientemente como parte essencial, como bens da Igreja. Onde, com os sacramentos e a Palavra, leva a urgência da reconciliação, para uma maior satisfação e alegria em Cristo, capaz de transformar os cristãos em verdadeiros modelos desse amor misericordioso.

Kasper apresenta aspectos importantes sobre a historicidade da Igreja no anúncio da verdade em diversas culturas e nas mais diversas condições da adesão do depósito de fé anunciado. Esta proposta eclesiológica de seus estudos acadêmicos é afirmada no livro “A Igreja de Jesus Cristo”. Ele apresenta seu pensamento teológico e sua contribuição no estudo da recepção da mensagem cristã. A Igreja, como apresenta Kasper, deve ser um espaço participativo para o ser humano, favorecendo o futuro de sua existência, aberta, oferecendo aos homens de todas as raças e línguas sua mensagem, com responsabilidade em ter autoridade para dizer a verdade, ecumênica ao confessar e viver como Igreja da unidade no mundo e sendo presença de mediação entre os outros credos e uma Igreja consciente e socialmente comprometida nas esferas privadas e interiores da sociedade¹⁶⁴. Apesar de suas indicações, Kasper mostra a problemática para a Igreja no anúncio da verdade:

A principal dificuldade parece estar na ausência de uma compreensão mais profunda da história. O progresso e a tradição se opõem. No entanto, o progresso da verdade só pode nascer das energias vivas da tradição; e, inversamente, a tradição só pode ser mantida viva, onde é capaz de credenciar-se para o futuro

¹⁶³ AURÉLIO, Marlos. **A Igreja do Papa Francisco**. Aparecida: Santuário, 2016, p.190.

¹⁶⁴ Cf. KASPER, W. **La Iglesia de Jesus Cristo**. [trad.: José Manuel Lozano-Gotor Perona e Ramón Alfonso Díez Aragón]. Espanha: Sal Terrae, 2013. Pp. 143-152.

respondendo às questões do presente. Não é, então, antagonismo, mas uma tensão necessária.¹⁶⁵

E onde, nos estudos, como também em algumas audiências, percebemos a importância do anúncio do Evangelho com uma resposta de misericórdia e santidade. Assim, a busca pelo projeto de santidade também sugerido e admoestado por Francisco ao clero, e destacamos aqui a apresentação do documento *O Sacerdote Ministro da Misericórdia Divina*, uma retomada de Bento XVI no ano da vida sacerdotal:

É necessário voltar ao confessional, como lugar no qual celebrar o sacramento da reconciliação, mas também como lugar onde “habitar” com mais frequência, para que o fiel possa encontrar misericórdia, conselho e conforto, sentir-se amado e compreendido por Deus e experimentar a presença da Misericórdia Divina, ao lado da Presença real na Eucaristia. (...) O Sacerdote é ministro, isto é, servo e também prudente administrador da divina misericórdia.¹⁶⁶

A Igreja, nesta condição de viver hoje a misericórdia, deve estar presente em todos os contextos da sociedade transmitindo a verdade, com generosidade e paciência, tendo os sentimentos de alegria e compaixão. Dessa maneira a Igreja transmitirá uma verdade na condição humana, advindo da proposta do próprio Mestre Jesus, que se faz homem e obediente, sente as dores e sofrimentos dos seres humanos e encontra de forma individual a motivação que necessitava de fé. Este é o desafio da Igreja, sair de uma estrutura fria e sem rosto, de encontrar a indiferença da sociedade e realizar-se em Cristo, com sentimento de amor gratuito e misericordioso.

¹⁶⁵ Ibid. , p. 143.

¹⁶⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O Sacerdote Ministro da Misericórdia*. Brasília: Edições da CNBB, 2011, p. 7.